

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

FRANCIMILSON GONÇALVES DE HOLANDA

FAMÍLIAS PÓS-MODERNAS E SEUS DESAFIOS À PASTORAL FAMILIAR.

São Leopoldo

2011

FRANCIMILSON GONÇALVES DE HOLANDA

FAMÍLIAS PÓS-MODERNAS E SEUS DESAFIOS À PASTORAL FAMILIAR.

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Aconselhamento
Pastoral

Orientadora: Valburga Schmiedt Streck

Segunda Avaliadora: Karin Wondracek

São Leopoldo

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H722f Holanda, Francimilson Gonçalves de
Famílias pós-modernas e seus desafios à pastoral
familiar / Francimilson Gonçalves de Holanda ;
orientadora Valburga Schmiedt Streck ; co-orientadora
Karin Wondracek . – São Leopoldo : EST/PPG, 2011.
69 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2011.

1. Obras da Igreja junto às famílias. 2. Família –
Ensino bíblico. 3. Família – Aspectos religiosos – Igreja
católica. 4. Pós-modernismo. I. Streck, Valburga
Schmiedt. II. Wondracek, Karin Hellen Kepler. III. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

FRANCIMILSON GONÇALVES DE HOLANDA

FAMÍLIAS PÓS-MODERNAS E SEUS DESAFIOS À PASTORAL FAMILIAR.

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Aconselhamento
Pastoral

Data:

Valburga Schmiedt Streck - Doutora em Teologia - Escola Superior de Teologia

Karin Wondracek- Doutora em Teologia - Escola Superior de Teologia

Dedico esta investigação aos casais, crianças, adultos e idosos que acreditam na força libertadora do amor e a todos os ministros consagrados e agentes da Pastoral Familiar que não se deixam vencer pela cultura de morte propagada pela pós-modernidade, mas antes se empenham em orientar as pessoas para que vivam santamente sua vocação de espalhar no mundo a ternura de Deus, através do testemunho do amor conjugal fiel e indissolúvel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas oportunidades que me ofereceu e pela perseverança concedida na trajetória de construção desta pesquisa, quando o desânimo e as crises quiseram paralisar este trabalho;

Um Muito obrigado aos meus pais pelo testemunho de amor e coesão na convivência familiar, quando faltava quase tudo, restando o abraço e o carinho do lar;

Ao meu filho do Coração, Francisco José, por acreditar no meu potencial e pelas palavras de conforto a mim dirigidas, em meio à fadiga dos assoberbados trabalhos;

Sou grato a Dom Sérgio da Rocha, à época Arcebispo de Teresina-PI, pela confiança depositada em meu trabalho e pela permissão para conclusão do mestrado;

Às Faculdades EST, a expressão do agradecimento em virtude de oportunizar este mestrado modular aos profissionais que não dispõem de tempo para cursar um mestrado em período integral;

Um agradecimento especial aos paroquianos e devotos do Santuário de Santa Cruz dos Milagres, pela compreensão nas minhas ausências.

Ao amigo e irmão, Pe. Vicente Gregório, pelo despertar a frequentar o curso, e também pelo estímulo e correção deste trabalho: meu muito obrigado!

É verdade que um ser humano pode nascer em qualquer lugar, mas é melhor se nascer numa família que o acolhe. Alguém pode trabalhar somente para cuidar de seus gastos, mas é melhor trabalhar para alimentar o amor de uma família. Pode se amar qualquer pessoa, de qualquer jeito, mas é melhor construir a experiência do amor humano em contexto familiar. Pode procriar de qualquer maneira, até em laboratório, mas é muito melhor gerar um novo ser humano como fruto de um ato de amor conjugal. A pessoa pode viver a doença de maneira solitária, mas é mais humano vivenciá-la no seio de uma família. A pessoa pode morrer em qualquer lugar, mas é mais digna a morte quando a pessoa é cercada pelo afeto de familiares.

(Dom João Carlos Petrini).

RESUMO

A pesquisa preocupa-se em responder até que ponto a Pastoral Familiar poderá oferecer alternativas para os desafios da cultura pós-moderna. Neste sentido, procurou-se primeiramente apresentar os modelos de famílias presentes na Bíblia Sagrada. Famílias também marcadas por fragilidades, tais quais as famílias atuais. Sem perder de vista o enfoque cristão católico, a investigação investe no modelo nuclear e monogâmico de matrimônio enfatizando a indissolubilidade e fidelidade entre os cônjuges, ao lado da educação cristã dos filhos. Em meio às circunstâncias da pós-modernidade, que fazem emergir novas configurações de família, a Igreja se sente interpelada a continuar sua missão profética, anunciando com convicção que a Família Cristã continua a ser santuário de vida e Igreja doméstica, testemunhando o amor de Cristo ao mundo através de um lar repleto de amor e compreensão a fim de que a prole ao tornar-se adulta possa intervir de forma solidária e fraterna no meio social, construindo a civilização do amor.

Palavras-chave: Cultura pós-moderna. Família cristã. Pastoral Familiar.

ABSTRACT

The research concerns itself with answering up to what point can Family Ministry offer alternatives to the challenges of the post modern culture. Toward this end it sought first to present the models of families present in the Sacred Bible, these families which were also marked by frailties just like current families. Without losing sight of the Catholic Christian focus, the investigation invests in the nuclear and monogamous model of matrimony emphasizing the indissolubility and fidelity between the marital couple alongside the Christian education of the children. Amid the circumstances of post modernity, which give rise to new family configurations, the Church feels itself challenged to continue its prophetic mission, announcing with conviction that the Christian Family continues to be a sanctuary of life and of the domestic church, witnessing the love of Christ to the world through a home filled with love and comprehension so that the children, as they become adults, may intervene in a solidary and fraternal way in the social environment, constructing the civilization of love.

Key words: Post modern culture. Christian family. Family Ministry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 MODELOS DE FAMÍLIA NA HISTÓRIA E NA BÍBLIA	13
1.1 Família nas Sociedades ágrafas	13
1.2 Família no Antigo Testamento	15
1.3 Família no Novo Testamento	19
1.4 Família na tradição cristã católica	22
1.5 Evolução histórica dos modelos de família no Brasil	24
2 PÓS-MODERNIDADE, FAMÍLIA E NOVAS FORMAS DE CONVIVÊNCIA	28
2.1 Pós-modernidade e família	28
2.2 Famílias em transição e seus desafios para a sociedade e a igreja	31
2.3 Divórcio e recasamento	36
2.4 Os namorados ou cônjuges dos pais: nascimento e evolução de uma relação parental	40
3 PASTORAL FAMILIAR: MISSÃO E DESAFIOS EM TEMPOS PÓS- MODERNOS	46
3.1 Histórico, conceitos e estrutura da Pastoral Familiar	46
3.2 Áreas de atuação da Pastoral Familiar	52
3.3 Desafios da cultura pós-moderna à pastoral familiar e estratégias de atuação	55
CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS.....	66

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa tem por objeto de pesquisa a família e seus valores em meio às ameaças, desafios dos nossos tempos pós-modernos. Dá ênfase no valor da família em si mesma, para a Igreja e para a sociedade, como também a missão da Pastoral Familiar na defesa de seus valores fundamentais, enfatizando ainda a virtude da esperança como âncora da família. Desde a sua origem, a família tem sido submetida a várias mudanças.

Na sociedade hodierna, a família, dentre as demais instituições, tem sido posta em questão pelas profundas e rápidas transformações da sociedade. Nestes últimos tempos ela vem experimentando uma mudança dramática, sendo, pois, submetida a uma série de novos desafios, sobretudo, pelas várias transformações legislativas e políticas em matéria de matrimônio e em relação à vida.

As mudanças culturais na sociedade contemporânea têm ocasionado a degradação de alguns valores fundamentais da família, entre eles vemos, por exemplo: o número crescente de divórcios, a instauração cada vez mais freqüente de uma mentalidade contraceptiva, e as novas tecnologias que facilitam o controle da natalidade, possibilitando, sobretudo, o aborto ou ainda a má formação de consciência contra valores familiares que muito tem ameaçado a estrutura familiar. A família, célula vital da sociedade, santuário da vida, obra prima do criador desde sua origem traz em si inúmeros valores que por nenhuma razão, causa ou circunstâncias podem ser ofuscados, tolhidos ou desprezados, pois são de suma importância tanto para a Igreja, quanto para a sociedade.

A família sempre foi considerada como a primeira e fundamental expressão da natureza social do homem, ela é o lugar e ao mesmo tempo o instrumento mais eficaz de personalização da sociedade; sociedade esta que infelizmente vem sendo cada vez mais despersonalizada, desumana e ao mesmo tempo desumanizante, sobretudo, com o crescimento assustador da violência, da miséria, das drogas, e de tantas outras desordens que tem ferido o âmago da família.

O futuro da sociedade passa pela família, por isso mesmo diante dos inúmeros desafios e das mais diversas ameaças, ela representa uma esperança,

tendo em vista que é um dos tesouros mais importantes da sociedade, sendo, pois, patrimônio do mundo inteiro.

A família, nos tempos de hoje, tanto e talvez mais que outras instituições, tem sido posta em questão pelas amplas, profundas e rápidas transformações da sociedade pós-moderna. Muitas famílias vivem esta situação na fidelidade àqueles valores que constituem o fundamento da instituição familiar. Outras se tornaram incertas e perdidas em relação a seus deveres, ou, ainda mais, duvidosas e quase esquecidas do significado último e da verdade da vida familiar. A Pastoral Familiar tem a missão de acompanhar passo a passo as diversas etapas da formação e desenvolvimento da família. Consciente de que o matrimônio e a família constituem um dos valores mais preciosos da humanidade, surge a indagação que motivou esta pesquisa: Como a Pastoral Familiar tem contribuído com a família para enfrentar seus desafios e a educação dos filhos em nossos tempos?

A partir do entendimento de que os objetivos de uma investigação científica apontam para as aspirações mais profundas no sentido de dissecar o objetivo de estudo, elegemos para esta pesquisa bibliográfica o seguinte objetivo geral: Apresentar a pastoral familiar como suporte para análise dos desafios da realidade familiar na pós-modernidade tendo em vista suas atividades na educação cristã dos filhos. Pretendendo detalhar o alcance deste objetivo previamente citado, formulamos os seguintes objetivos específicos:

Caracterizar em nível teórico a pós-modernidade, seus valores, contra-valores e a lógica a ela subjacente para a compreensão da realidade hodierna;

Perfilar os modelos de estrutura familiar presentes na sociedade pós-moderna em confronto com a família nuclear cristã e sua missão no mundo contemporâneo;

Estabelecer as famílias da Bíblia Sagrada como parâmetro na estruturação dos valores cristãos e sua utilização como fonte elucidativa para educação dos filhos;

Diagnosticar os princípios, características, estrutura e atividades da pastoral familiar e sua ação missionária na defesa da família e dos valores cristãos.

A partir da sociedade moderna, chegando à pós-modernidade surgem tendências diversas sobre o novo modo de ver o mundo. E como são refletidas estas

tendências? Tais tendências se refletem, por vezes, de forma contrária ao comportamento e à própria essência humana, postuladas pela visão cristã de família e sociedade.

A busca exacerbada por um processo evolutivo no sistema globalizado que visa ao lucro, reduz o ser humano a um elemento mínimo e anônimo, causando conseqüências não muito favoráveis no âmbito familiar, onde a família não dispõe de mecanismos para o seu fortalecimento. Tais tendências resultam num mundo desumano com as ideologias impostas pelo sistema reagindo de forma negativa à pós-modernidade e aos aspectos do individualismo contemporâneo que ameaçam o modelo de vida familiar cristão.

Desses contingentes incertos eclodem questões bastante problemáticas e ambíguas, ocasionando uma pluralidade de valores muitas vezes antagônicos. Valores estes nos quais o ser humano é constantemente desafiado a fazer escolhas, construindo um modelo ideal de estrutura familiar.

Antes de tudo, é necessário que o ser humano viva em sociedade, ou seja, precisa estar inserido nessa sociedade mediante um processo evolutivo. Entretanto, é na família que se dá continuidade a este processo onde o ser precisa de respaldos necessários para se lançar ao mundo e enfrentar os grandes conflitos ideológicos existentes – características do mundo atual.

Em nome desse processo evolutivo, em nome da confissão de um mundo melhor, exige-se a eficiência pessoal, a produtividade, sacrificando a solidariedade e a convivência humana. Observa-se que, tudo isso resulta numa acentuação de valores opostos que contradiz a tudo o que se diz, gerando um mundo utópico, ilusório. Dessa forma, hoje, especialmente nas grandes metrópoles, por exemplo, um honrado pai ou mãe de família precisam trabalhar para criar os filhos que Deus lhes confiara, tendo o tempo regrado para acompanhar a prole. Então, a necessidade faz com que este tempo não seja voltado para os mesmos, sacrificando muitas vezes um momento de lazer acostumado aos movimentos frenéticos do trabalho onde a família é deixada de lado. Assim, a família está sendo movida pelo sistema utilitarista, tornando-se um ser reduzido a um organismo funcional, que coloca filhos para servir de mão de obra ao sistema neoliberal, a priorizar o lucro em detrimento da formação cristã.

Neste mundo hedonista, tempo é dinheiro e não se perde tempo para fomentar o ser família, valorizando o “ter” e não o “ser”, gerando seres carentes de atenção, seres totalmente alienados por não terem uma estrutura no âmbito familiar, onde as famílias estão sendo entregues aos desejos individualistas sob as ideologias impostas pela sociedade atual tornando-se “lares solitários”. É preciso criar novas formas de organizações sociais voltadas para estes lares para que passem de “lares solitários” a “lares familiares”, pois a família tem o dever acima de tudo de ser o sustentáculo, a “base” formadora para repercutir no seio da sociedade globalizada.

É absolutamente essencial desvelar as características dessa realidade atual e tão complexa, contraditória e cheia de inseguranças e incertezas que ostentam a desvalorização dos valores familiares na sociedade em geral, pondo em crise a família e a educação da prole segundo os valores cristãos.

1 MODELOS DE FAMÍLIA NA HISTÓRIA E NA BÍBLIA

1.1 Família nas Sociedades ágrafas

De acordo com Engels¹ as relações de parentesco e a organização da família passaram por vários estágios evolutivos ao longo dos períodos históricos por ele catalogados em sua obra *A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Se as sociedades humanas passaram por estágios pré-históricos de cultura, como o estado selvagem, a barbárie, até desembocar na civilização, é verdade, segundo ele, que os laços familiares e as relações de parentesco nem sempre foram delimitados pela consangüinidade ou pela monogamia, na atual visão de um critério nuclear e triangular da família, como conhecemos: pai, mãe e filhos. Neste sentido, afirma Badinter², que o pesquisador inglês Henry Morgan discorre sobre uma época primitiva, quando imperou uma promiscuidade sexual, caracterizada por uma pertença de todos os homens, todas as mulheres e vice-versa.

É verdade que não se podem encontrar provas diretas da existência do fato aludido, o mais provável é que tenha existido o matrimônio por grupos, em que havia relações sexuais incestuosas de pais com filhas e entre irmãos também. No matrimônio por grupos, inexistia a possibilidade de demarcar a paternidade da prole, por essa razão, todos os homens sentiam-se pais de todos os filhos e filhas. Nesse sentido, podemos falar de um direito materno ou influência de ventre, pois, na impossibilidade de conhecer o verdadeiro pai, o reconhecimento exclusivo de uma mãe própria significa:

Alto apreço pelas mulheres, isto é pelas mães. Uma das idéias mais absurdas que nos transmitiu a filosofia do século XVIII é a de que na origem da sociedade a mulher foi escrava do homem. Entre todos os selvagens e em todas as tribos que se encontram nas fases inferior, média e até (em parte) superior da barbárie, a mulher não só é livre como, também, muito considerada. Artur Wright, que foi durante muitos anos missionário entre os iroqueses-senecas, pode atestar qual é a situação da mulher, ainda no matrimônio sindiásmico: 'a respeito de suas famílias, na época em que ainda viviam nas antigas casas-grandes (domicílios comunistas de muitas famílias)... predominava sempre lá um clã (uma gens) e as mulheres arranjavam maridos em outros clãs (gens)... Habitualmente as mulheres mandavam na casa; as provisões eram comuns, mas – ai do pobre marido

¹ ENGELS, F. *A Origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. p. 13.

² BADINTER, Elisabeth. *Um é o outro: relações entre homens e mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ou amante que fosse preguiçoso ou desajeitado demais para trazer a sua parte ao fundo de provisões da comunidade! Por mais filhos ou objetos pessoais que tivesse na casa, podia, a qualquer momento, ver-se obrigado a arrumar a trouxinha e sair de porta a fora. E era inútil tentar opor resistência, porque a casa se convertia para ele num inferno; não havia remédio se não o de voltar ao seu próprio clã (gens) ou, o que costumava acontecer com freqüência, contrair novos matrimônios em outro.³

Ao falar da influência da constituição familiar, nas sociedades ágrafas, devemos aclarar que existem controvérsias no que tange ao matriarcado ou patriarcado pré-históricos. Os teóricos divergem, e, conforme Badinter⁴, a tese matriarcal foi vitoriosa, sobretudo no século XIX, tendo como expoentes o alemão Bachofen, e o inglês Henry Morgan, que postularam as famílias primitivas como matriarcais e posteriormente Engels vai adotar a mesma tese. É principalmente entre as feministas que esta tese conquistou seu apogeu. Porém, pelo simples fato, de um certo modo, o mundo ainda viver sob o comando do regime patriarcal, os antropólogos ainda o consideram o modelo de poder original. Na realidade, aqueles que defenderem o regime matriarcal não precisaram com detalhes e clareza quais seriam, de fato, os poderes da mãe e da mulher nas sociedades pré-históricas. O certo é que a caricatura do homem paleolítico como um selvagem, à mercê de mães superpoderosas talvez não ganhe adeptos na atualidade, devido às imprecisões e escassez de fatos históricos que comprovem tal fato.

No que tange às teses do patriarcado, sobretudo postuladas por R. Lowie e posteriormente por Lévi-strauss e Edgar Morin, é a família, a unidade social universal, que se encontra nas origens e não o clã. Para eles, a humanidade só inicia verdadeiramente com o poder do pai sobre a mulher e os filhos. Se o matriarcalismo se sustentou graças ao direito materno e ao não-conhecimento da paternidade, “mesmo que a paternidade não seja estabelecida, isso não prova a necessidade da descendência uterina, pois paternidade biológica e paternidade sociológica são duas coisas diferentes”⁵

Ainda a favor do patriarcado, nos anos de 1960, os dois antropólogos da Universidade Rutgers, nos E.U.A., L. Tiger e R. Fox sustentaram com propriedade e convicção que as práticas primitivas de caça masculina estariam na origem do parentesco humano; segundo estes, a cooperação e a solidariedade dariam início a

³ ENGELS, 1984, p. 14.

⁴ BADINTER, 1986, p. 39-55.

⁵ LOWIE, R. *Traité de sociologie primitive*. Paris: Payot, 1969. p. 102.

um pacto entre os machos e, deste modo, eles teriam aprendido selecionar uma parceria em outros grupos, assumindo o papel de dirigentes, exercendo um controle patriarcal sobre eles e a família. Embora tenhamos que concordar que a mulher exerceu influência na coleta de frutos, na agricultura e no cuidado da prole, devemos dizer que a maioria dos pesquisadores é unânime em concordar com Levi-Strauss que a dominação masculina é fruto da assimetria entre os sexos, conforme explicita Simone de Beauvoir:

A sociedade foi sempre masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens [...] o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, seu privilégio, biológico permitiu aos machos se afirmarem sozinhos como sujeitos soberanos.⁶

Mesmo que a mulher tenha possuído uma força na estruturação da cultura e nas relações sociais, é interessante notar a imprecisão do termo matriarcalismo, vez que a influência feminina ocorreu a partir dos paradigmas masculinos da força, do poder e da dominação, reproduzindo, desta forma, os estereótipos do varão, o que definiria, portanto, as sociedades ágrafas como matrilineares, ao entendermos que fez falta, no paleolítico, a condução destas sociedades a partir de elementos genuinamente femininos.

1.2 Família no Antigo Testamento

A fim de que possamos penetrar nos planos de Deus quando o mesmo quis instituir a família, é fundamental que possamos tomar conhecimento da maneira como era estruturada a família na tradição veterotestamentária a saber: a família nos tempos do Antigo Testamento, desde os tempos de Adão, Eva e seus filhos Caim, Abel, Sete, dentre outros filhos e filhas, conforme Gênesis (5,4). Isso significa que a noção de família no Antigo Testamento esteve sempre relacionada com aspectos espirituais, e sendo uma idéia maravilhosa do plano de amor de Deus, a família não existe como uma entidade independente da vocação divina do povo de Israel que era caminhar em direção a Javé e fazer a experiência de seu amor.

Na concepção do Diretório da Pastoral familiar:⁷

⁶ BEAUVOIR *apud* BADINDER, 1886, p. 44.

⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório da pastoral familiar*. Texto aprovado pela 42ª. Assembléia Geral Itaici – Indaiatuba-SP, 21 a 30 e abril de 2004. Brasília: Scala Gráfica e Editora, 2005. p. 35.

Deus criador de tudo criou o homem e a mulher como efusão de seu amor. Amou-nos infinitamente e lhes deu uma vocação ao amor e a comunhão. A família, conseqüentemente dessa vocação, é, dentre todas as suas obras, a obra predileta de Deus nesse seu projeto de amor. Ela não é criação humana, nem do Estado, nem da Igreja. É constitutivamente ligada à natureza do homem e da mulher, para o bem e a felicidade pessoal, da sociedade e da Igreja.

Já está escrito desde o início do livro de Gênesis, a realidade da paternidade e maternidade, e, conseqüentemente, da família humana também. A chave interpretativa está na expressão “imagem” e “semelhança” de Deus que o texto bíblico acentua com grande relevância (Gn 1,26). Deste modo, Deus criou o homem à sua imagem e semelhança homem e mulher. Ele os criou. Deus os abençoou e a possibilitou com a tarefa da procriação, pois tinha o propósito povoar a terra (Gn 1, 27-28). É na esteira desta compreensão que Bento XVI se dirige às famílias, de acordo com a sua carta⁸

Antes de criar o homem. O criador reentra em si mesmo para procurar o modelo e a inspiração no mistério do seu ser, que já aqui se manifesta de algum modo como o Nós divino. Deste mistério deriva por via da criação, o ser humano.

Deus criou o homem e o fez Senhor de todos os animais e criaturas do paraíso terrestre, mas percebendo que o homem estava só criou para ele uma mulher. Então o homem exclamou: “Esta sim é ossos dos meus ossos e carne da minha carne! (Gn 2,23). Por isso o homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher e eles se tornam uma só carne (Gn 2, 24). Posteriormente, com a queda do homem pelo pecado, foram frustrados os planos iniciais de Deus de uma sociedade ordeira e progressiva. Acontece com o dilúvio e uma família é tomada como modelo de comportamento para a reconstrução dos valores sociais e a reorganização do projeto de se fazer uma humanidade menos comprometida com o pecado. Noé, sua esposa, seus filhos e noras entram na arca do futuro em busca de novos tempos para a humanidade.

O modelo de família preponderante do Antigo Testamento é o monogâmico. Há exemplos que divergem desta afirmação como os casos de Abraão, Jacó, Davi, Salomão e outros, que não negam a verdade de que a família no Antigo Testamento seja uma família monogâmica. O que sustenta essa verdade é a intenção de Deus e não as exceções provenientes da fragilidade humana. Deus formou uma família no

⁸ BENTO XVI, 2006, p. 15.

padrão mais comum como conhecemos hoje, marido e mulher e filhos coabitam em harmonia na busca de satisfação pessoal e da vontade divina.

A família monogâmica, aquela em que o homem é marido de uma só mulher, origina-se no Gênesis. Quando Deus percebeu que o homem estava só, embora tivessem sido dados por Ele todos os animais para cuidar, dar nomes e sobreviver, mas para ele não se achava uma auxiliadora adequada (Gn 2, 20). Com isso, inferimos que a falta de uma mulher pesa muito no preenchimento das necessidades do homem. Adão precisava de uma companheira e Deus criou uma mulher só, Eva era suficiente. Basta um casal para povoar a terra, é a lei da multiplicação divina pela reprodução saudável de seres humanos que vivem de baixo da graça de Deus.

O fato de alguns homens bíblicos possuírem duas mulheres, como a bigamia de Abrão (Sara e Agar) conforme Gênesis 16, 1-16; de Alcana (Ana e Penina) conforme I Samuel 1, 1-8, ou várias mulheres como a poligamia de Jacó, neto de Abrão (Lia, Raquel, Zeldá e Bala) conforme Gênesis 29, 21-20 e dois reis conforme II Samuel 5, 13-16 e Salomão conforme I Reis 11, 1-13 não quer dizer que Deus aprova tal prática. O que podemos perceber é que houve uma tolerância por parte de Deus com as escolhas humanas. Por outro lado percebe-se o quanto isso trouxe sérios prejuízos, não só para os relacionamentos envolvidos, mas também para a nação como um todo.⁹

Acredito ser importante apresentar o pensamento de Maldonado, quando expressa a idéia de que as famílias da Bíblia são muito próximas às nossas famílias, no sentido de que elas também passaram por crises e dificuldades. No entanto, vale salientar com o autor que

É necessário, obviamente, estarmos cientes do fato de que a Bíblia, enquanto auto-revelação de Deus, situa-se em situações e contextos que são muito diferentes dos nossos. Não seria legítimo nem tampouco teologicamente aceitável tentar comparar nossas famílias modernas com as famílias patriarcais e pastorais dos tempos bíblicos- não seria, na realidade, nem ao menos saudável.¹⁰

O modelo de família no Antigo Testamento é patriarcal. Segundo os relatos bíblicos: o homem foi criado primeiro (Gn 1, 26-27); ele não deveria estar só (Gn 2, 18) foi providenciada uma companheira para o homem e não o contrário (Gn 2, 15-25) Diná, a filha que tivera com Lia, não é contada (Nm 13, 1-16); um homem não

⁹ SOARES, Josué Ebenézer de Sousa. Conceito de Família no Antigo Testamento. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_2218/artigo_sobre_familia_15__conceito_de_familia_no_antigo_testamento>. Acesso em: 16 jun. 2011.

¹⁰ MALDONADO, Jorge. *Até nas melhores famílias*: a família de Jesus e outras famílias da Bíblia parecidas com as nossas. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 9.

podia ficar sem descendência , portanto caso morresse sem deixar filhos, o irmão deveria cumprir o dever de cunhado (Gn 38, 1-30).

A descrição bíblica da existência de príncipes nas diversas famílias que compõe uma tribo e a presença de estandartes identificadores, com insígnias das casas de cada patriarca (conf. Nm 2, 1-34), dá conta da estrutura patriarcal da família de Israel. Assim sendo, vamos perceber que embora não precisemos concordar como o uso abusivo da autoridade, nem mesmo aceitar os desmandos havidos na história de Israel perpetrados por homens que extrapolam o entendimento do que seria legítimo e divinamente inspirado, assim mesmo não se pode fugir da realidade de que a palavra de Deus não foi escrita pelas mãos do Senhor, mas esteve encarnada no tempo e na história e por isso mesmo, não podemos ignorar as características inerentes à cultura na qual estiveram inseridos os hagiógrafos.

A família como qualquer instituição, também precisa de lideranças para subsistir. Casa sem governo é casa desordenada, dividida e desestruturada, prestes a cair. É no Antigo Testamento que se encontra os primeiros passos do plano de Deus para o exercício da liderança na família, que depois vão ser desenvolvidas no Novo Testamento (Ef 5, 22). Qual seria o propósito de Deus para a liderança no ambiente familiar? Seria o governo do pai em conjunto com a mãe? Seria a liderança da mulher ou a liderança do homem? Certamente, ao lembrarmos a criação da mulher a partir da costela de Adão, podemos concluir que é possível sim a autoridade e o poder da família ocorrerem em sintonia e espírito de colaboração, pois acima do homem e da mulher está o próprio Deus que é o Senhor de tudo e de todos. No entanto, é importante que os pais sejam capazes de dialogar a fim de que estejam sempre em harmonia a fim de que não possam perder sua autoridade diante dos filhos. Isso implica entrar em acordo, sobretudo a respeito de ponto polêmicos da educação dos filhos a fim de não demonstrem viverem em desunião face às dúvidas da prole.

Segundo Maria Tereza Maldonado, autora do livro *Comunicação Entre Pais e Filhos, A Linguagem do Sentir*, desenvolve o que ela chama de “A cadeia de Comando de Deus”. Esta cadeia passa pelo próprio Deus e sua palavra. Passa pela autoridade civil, (Rm 13,1-5), pela autoridade da Igreja (Hb 1,17) e chega à família

total (Ef 5, 21). Todavia, a criança necessita respeitar a autoridade dos pais sem que seja tolhida em sua autonomia.

O excesso de ordens muitas vezes provoca resistência e rebeldia porque as pessoas se ressentem quando estão permanentemente submetidas à autoridade, sem sobrar espaço para sua autonomia e capacidade de decidir e escolher. Por esse motivo, a resistência e a rebeldia diminuem quando, ao invés de dar uma ordem explícita, damos à criança a oportunidade de ser autônima.¹¹

Para o Compêndio do Vaticano II¹², os esposos e pais cristãos por, sua vez, devem seguir o próprio caminho, em amor fiel ajudem-se mutuamente a conservar a graça no decurso de toda a vida. Impregnem a prole amorosamente recebida de Deus com as doutrinas cristãs e as virtudes do evangelho. Pois assim apresentam a todos um exemplo de incansável e generoso amor, edificam a fraternidade e tornam-se testemunhas e cooperadores da fecundidade da mãe Igreja em sinal e participação do amor com que Jesus Cristo amou sua esposa e por ela entregou.

As páginas do Antigo Testamento mostram que a liderança do lar deve estar posta sob os cuidados do marido e que deve zelar pela manutenção de boa ordem familiar. A discussão sobre liderança compartilhada, parceria, dignidade da função auxiliadora da mulher (Gn 2, 18) em comparação com a condição assumida pelo próprio Deus (Sl 115, 9-11), tudo isto deve levar a uma boa conclusão acerca do melhor funcionamento das funções de liderança do lar, mas não negam a existência no Antigo Testamento da preponderância do papel masculino na liderança da família, em virtude de a cultura israelita ser eminentemente patriarcal. Isso posto, não podemos simplesmente transferir para a sociedade de hoje todo o aparato cultural de Israel, em função de vivermos em outro contexto históricocultural.

1.3 Família no Novo Testamento

Conforme narra o Novo Testamento, deve-se procurar entender através de exemplos práticos e de ensinamentos apostólicos como a família se constitui e qual é o plano de Deus para a formação e manutenção da família cristã. É certo que na sociedade judaica, alicerçada na crença do “pai Abrão” manteve-se muitos valores antigos, mesmo como o avanço dos tempos, e toda a influencia grego-romana

¹¹ MALDONADO, Maria Tereza. *Comunicações entre pais e filhos: a linguagem do sentir*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 45.

¹² COMPÊNDIO DO VATICANO II, 2008, p. 107.

exercida na Palestina nos tempos de Jesus. Mas o conjunto básico dos valores da família foi mantido.

À luz do Novo Testamento, é possível vislumbrar como o modelo originário da família deve ser procurado no próprio Deus, no ministério trinitário de sua vida. Sendo Deus comunhão de pessoas distintas ensina para a família humana a conservar a unidade em meio à diversidade das características de cada membro que não pode ser ignorado ou esquecido em nome do exercício exacerbado do poder patriarcal. O “Nós” divino constitui o modelo eterno de “nós” que é formado pelo homem e pela mulher, criados a imagem e semelhança de Deus.

A família foi sempre considerada como a primeira e fundamental expressão da natureza social do homem. É realmente uma comunidade de pessoas, para quem a própria existência e vivência juntas são a comunhão; comunhão de pessoas. Sempre ressaltando absoluta transcendência do Criador relativamente a criatura, se manifesta na referência dos “Nós” divinos. Somente as pessoas são capazes de viver em comunhão. A família tem início na comunhão conjugal que o Concílio Vaticano II chama de “Aliança” na qual o homem e a mulher mutuamente se dão e recebem um ao outro.¹³

O livro de Gênesis narra esta verdade quando se referindo à constituição da família mediante o matrimônio, afirma que “o homem deixará o pai e mãe para se unir a sua mulher, e os dois serão uma só carne” (Gn 2,24). No Evangelho, Jesus Cristo em polêmica com os fariseus enuncia as mesmas palavras e acrescenta: “Portanto já não são dois, mas uma só carne. O que Deus uniu o homem não o separe”. (Mt 19,06). Ele revela novamente o conteúdo normativo de um fato que já existe deste o princípio. No Evangelho de Mateus (5, 31-32):

Jesus alertou-nos no sermão da montanha. Foi embora o dito: todo aquele que rejeitar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém vos digo todo aquele que rejeitar sua mulher, a faz torna-se adúltera, ao não ser que se trate de matrimônio falso e todo aquele que desposa uma mulher rejeitada comete adultério.

¹³ PEDRO; Glorinha. *A Eucaristia e a Espiritualidade conjugal*. Palestra proferida na XI Encontro Regional de diáconos e esposas do Leste II, 2005. Disponível em: <<http://paroquiasantaritax.com.br/capa/a-eucaristia-e-a-espiritualidade-conjugal>>. Acesso em: 17 jun. 2011.

O matrimônio é um sacramento cujos ministros são os próprios cônjuges, um veículo de graça e um sinal da comunicação da vida de Deus às criaturas humanas. Especialmente a imagem da união nupcial de Jesus Cristo com a Igreja e Jesus Cristo forma um “corpo”, assim mulher e marido formam uma só “Carne”. Não somente imagens e símbolos, mas também participação efetiva nas núpcias de Cristo com a Igreja.

Por isso diz São Paulo (apud Blank):¹⁴

Este mistério é grande. Os esposos se unem para colaborar na criação feita por Deus e para ampliar o corpo Místico, concorrendo para a tarefa própria da união de Cristo com a Igreja. Assim sendo, enquanto a Eucaristia é comunicação de vida à humanidade redimida, o matrimônio é comunicação de vida humana aos homens a serem redimidos.

Num tempo em que muitas pessoas desvalorizam o casamento e a família procurando estabelecer relacionamentos superficiais para não se comprometerem, vale lembrar que este não é o propósito de Deus para a família. O plano de Deus para o ser humano é constituir uma família e manter um casamento saudável que tenha estabilidade e levem os seus membros a um estado constante de felicidade e realização. Foi assim no princípio, quando percebeu que não era bom que o homem estivesse só (Gn 2, 18) e continua sendo assim, pois este propósito de Deus não mudou.

Jesus comparecendo com seus discípulos e Maria, numa festa de casamento em Cana da Galileia (Jo 2, 1-12) deram demonstração clara da valorização do casamento e da família, vez que Jesus iniciou ali os seus primeiros sinais levando seus discípulos a fé. Não é por acaso que o primeiro milagre de Jesus Cristo, aquele com que antecipando os tempos, manifestou-se como Messias, que se realiza por solicitação de Maria, uma mãe de família, num banquete de núpcias em Cana. Naquela ocasião com a mudança da água em vinho, Jesus antecipou o milagre da Eucaristia, que muda o vinho em seu próprio sangue. Por outro lado Blank,¹⁵

Questiona-se a cerca da realidade se todos os casamentos sejam de fato feitos em Deus ou se muitos deles não são provenientes de arranjos

¹⁴ BLANK, Christiane E. *Construir o Matrimônio na Pós-modernidade: novas estratégias construtivas e interativas para a convivência matrimonial*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 81.

¹⁵ BLANK, 2006, p.101.

humanos. As concessões de repúdios feitas por Moisés para liberar mulheres desprotegidas para novos casamentos, Jesus debitaram na conta da dureza do coração humano.

O amor dos esposos exige por sua própria natureza a unidade e a indissolubilidade da comunidade de pessoas que engloba toda a sua vida. De modo que não são mais dois, mas uma só carne. São chamados a crescer continuamente nesta comunhão por meio da fidelidade cotidiana à promessa matrimonial do dom total recíproco. Esta comunhão humana é confirmada e aperfeiçoada pela comunhão em Jesus Cristo, através do sacramento do matrimônio e aprofundada da fé comum e pela Eucaristia.

Na estrutura familiar nos tempos de Jesus são encontrados alguns valores que algumas evidências bíblicas dão e nos conta de uma família unida, operosa, interessada na educação religiosa de suas crianças. Nos tempos de Jesus, a família já deixou para trás as exceções que levaram alguns chefes de família a terem mais de uma esposa, não há registro do Novo Testamento de casamentos que não sejam monogâmicos.

A família nos tempos de Jesus continua com sua estrutura patriarcal, mas com a valorização da mulher. Jesus Cristo já começa a mostrar que a condição da mulher não pode mais ser vista de maneira subalterna e desprezível como a cultura judaica a considerava. Deus coloca no centro da criação o homem e a mulher, com suas diferenças e semelhanças, mas com igual dignidade. Deus criou-nos a sua imagem e semelhança, chamando-os a existência por amor e para amar. Esta afirmação constitui o ponto de partida de toda a reflexão que a exortação apostólica Familiares Consortio faz sobre o matrimônio e a família e sua missão no mundo de hoje.

1.4 Família na tradição cristã católica

Jesus Cristo nasceu e cresceu no seio de uma família, da Sagrada Família de Nazaré José e Maria. A Igreja não é outra coisa se não a “ família de Deus”. Desde suas origens, o núcleo de Igreja era em geral constituído por aqueles que, “com toda sua casa”, se tornavam cristãos. Para o Papa João Paulo II¹⁶:

¹⁶ JOÃO PAULO II. *Carta às famílias*. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 56.

Através da comunhão de pessoas que se realiza no matrimônio, o homem e a mulher dão início a família. Com a família está ligada a genealogia de cada homem: a genealogia da pessoa. A paternidade e a maternidade humana estão radicadas na biologia e, ao mesmo tempo superam-na. O apóstolo “dobrando os joelhos diante do Pai, do qual toda a paternidade e toda a maternidade nos céus como na terra, tomam nome” em certo sentido coloca diante do nosso olhar o mundo inteiro dos seres vivos, desde os espirituais no céu e os corporais na terra. Toda a geração encontra o seu modelo originário na paternidade de Deus.

Após uni-lo Deus disse ao casal: “Frutificai e multiplicai-vos enchei a terra e submetei-a” (Gn 1, 28). Está aqui o sentido mais profundo do casamento: “frutificai” crescer e multiplicai. Deus quer que o casal, na união profunda, cresça e se multiplique nos seus filhos, e daí surge a família e mais importante instituição da humanidade. É muito significativo que Deus tenha dito ao casal primeiro “crescei” e em seguida “multiplicai”. Isso mostra que a primeira dimensão do casamento é o crescimento mútuo do casal realizado no seu amor fecundo. Ninguém pode multiplicar sem antes crescer.

O matrimônio e o amor conjugal por sua própria natureza, ordenam-se à procriação e à educação dos filhos, que do matrimônio são o dom maior, segundo o plano de Deus crescei e multiplicai-vos, os pais são cooperadores do Criador na tarefa de transmitir a vida e educar os filhos. A fecundidade do matrimônio não é, portanto, como já se disse algo meramente biológico, mas uma missão profundamente humana e num certo sentido divino: formar pessoas, irradiar a vida, criar condições para o desenvolvimento integral de todos os seres humanos.

Em relação ao anteriormente dito, o Diretório da Pastoral Familiar ¹⁷

A Igreja defende a vida como dom de Deus, mesmo diante do sofrimento e das dificuldades provocadas pelo aumento demográfico, ela rejeita as concepções de fundo pessimista e egoísta que acabam por desvalorizar a procriação e a vida.

A igreja condena tudo que é contra a própria vida como hoje especialmente o homicídio, o genocídio, o próprio suicídio voluntário, o aborto, a eutanásia e tudo que fere a integridade e a dignidade da pessoa humana. Assim, para Giordani¹⁸

A moral cristã condena o adultério, o abandono, o divórcio. Marido e mulher tornam-se um diante de Deus e da Igreja. Não pode separar-se sem ir contra

¹⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2005, p. 50.

¹⁸ GIORDANI, Igino. *Família, Comunidade de Amor*. São Paulo: Cidade Nova, 1978. p. 44.

a lei de Deus e da Igreja. Muitas vezes os divorciados se deixam fascinar por pseudo-amor que divide e distancia destinando as criaturas inocentes à desolação quando não a delinqüência. A família sadia educa pessoas integrais, alimenta corpos e eleva almas. O divórcio não pode atender as exigências dos filhos.

A fidelidade conjugal é a principal marca do casamento cristão. O adultério rompe esta fidelidade conjugal. Quando dois parceiros, dos quais ao menos um é casado, estabelecem entre si uma relação sexual, cometem adultério. Jesus Cristo condena o adultério mesmo de simples desejo: “Aquele que olhar para uma mulher com desejo malicioso já adulterou com ela” (MT 5, 27-28). O adultério fere o sinal da Aliança que é vínculo matrimonial – destrói o direito do outro cônjuge e prejudica o casamento. Compromete o bem dos filhos que tem necessidade dos pais. O cristão não pode dar chance ao adultério, deve lutar contra ele com todas as forças e com a graça de Deus e a oração. Nos dias de hoje há uma tentação muito forte sobre os homens e mulheres para adulterarem, mas o casal cristão por amor a família, e de Deus, saberá dizer não ao que é proibido.

A união matrimonial do homem e da mulher é indissolúvel, pois Deus mesmo a ratificou; “O que Deus uniu o homem não deve separar” (MT 19,6). O amor conjugal exige dos esposos, uma fidelidade inviolável. Isso é consequência do dom de si mesmo que os esposos fazem um ao outro.

Dois esposos que se amam dão testemunho da presença de Deus e dão prova da sua existência. Ao mesmo tempo, que realizando um estado de perfeição. E isto de forma que se pode dizer que o esposo se santifica amando a mulher e a esposa santifica-se pelo amor que devota ao marido, e conseqüentemente, os filhos, depois do amor dos pais, encontram sua plenitude santificadora.

1.5 Evolução histórica dos modelos de família no Brasil

Na época em que os portugueses vieram para o Brasil, a família não se constituía apenas de marido, mulher e filhos ou uma família nuclear, como costumamos acreditar. Eram verdadeiros clãs, incluindo esposas eventuais, concubinas, filhos, parentes, padrinhos e afilhados, amigos dependentes, escravas. Uma grande legião de agregados submetidos a autoridade indiscutível que procedia da temida e venerada figura patriarcal, sendo que a mesma tinha,

ainda o poder de controlar a vida e as propriedades de sua mulher e filhos.¹⁹ Em outras palavras, podemos dizer que o patriarcalismo se deriva de um processo de elitização no interior da família, onde o pai é o proprietário exclusivo da terra e do trabalho. Mulher, filhos e escravos que não participam da propriedade passam à condição de dependentes. O pai possui toda a autoridade na propriedade do patrimônio familiar assumindo a posição de chefe patriarca, com pleno direito em decidir a respeito da vida e até da morte de descendentes.

A família patriarcal era o centro da sociedade, e desempenhava os papéis de procriação, administração econômica e direção política. Na casa-grande coração e cérebro das poderosas fazendas nasciam os numerosos filhos e netos do patriarca. Traçavam os destinos da fazenda e educavam os futuros dirigentes do País. Conforme o papel de cada um, todos se moviam em grupos de cooperação²⁰.

A unidade da família devia ser preservada a todo custo e por isso os casamentos entre parentes eram comuns, para que o patrimônio continuasse na família sob a chefia do patriarca, e desta forma praticamente não havia a possibilidade da presença de pessoas exógenas no interior da família a fim de que os bens não pudessem ser dissipados, o que ocorreria o enfraquecimento do poder econômico e moral do patriarca.

Em consonância com o enunciado, prescreve Vieira,²¹

A família patriarcal era o mundo do homem por excelência. Crianças e mulheres não passavam de seres insignificantes e amedrontados, cujo maior aspiração eram as boas graças do patriarca. A situação de mando masculino era de tal natureza que os varões não reconheciam sequer a autoridade religiosa dos padres. Assistiam à missa, sem a maior manifestação daquela humildade cristã do crente (própria, aliás, das mulheres), assumindo sempre ares de proprietário da capela, protetor da religião, bom contribuinte da igreja. Jamais um orgulhoso varão se dignaria de beijar as mãos de um clérigo, como o faziam sua esposa e filhas. Nesse universo masculino, os filhos mais velhos também desfrutavam o imenso privilégio, especialmente em relação a seus irmãos.

A citação a seguir expressa os detalhes de como a casa-grande era o arquétipo da família patriarcal brasileira, onde a mulher não tinha domínio do espaço público, limitando sua atividade profissional ao âmbito meramente doméstico, sempre fiscalizando o trabalho dos escravos e cuidando dos afazeres quotidianos.

¹⁹ FREYRE, Gilberto. *Casa grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 2 tomos. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1969.

²⁰ COLEÇÃO NOSSO SÉCULO. Volume I. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

²¹ VIEIRA, Humberto L. *A família cristã no mundo de hoje*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 76.

Até meados do século XIX, a casa-grande era o modelo perfeito do fechado mundo patriarcal. A reduzida elite das grandes cidades comerciantes, profissionais liberais e altos funcionários públicos transportavam esse modelo para os austeros sobrados urbanos. A mulher restringiu-se as quatro paredes de sua casa supervisionando o trabalho doméstico dos escravos que se alojavam no andar térreo. Como a confecção de roupas e a destilação de vinhos.²²

Nos primeiros anos da república, a família patriarcal inicia seu processo de enfraquecimento, em virtude das novidades oriundas de um novo espaço urbano que passa a se constituir tendo como elementos o próprio regime republicano, o processo de urbanização, as novas profissões, a luz elétrica, os bondes, os imigrantes, as lojas comerciais, as industriais, etc. Se outrora o patriarca podia manter o seu extenso clã no mais completo isolamento, agora tal fato é praticamente impossível de concretizar-se.

Seus agregados, famílias inteiras que viviam sob sua autoridade podiam ser ricos ou pobres, não importava, pois eram todos igualmente da mesma família. Trabalhavam em suas terras e obedeciam. Pouco a pouco o patriarca é obrigado a se relacionar com outrora indesejáveis elementos de “fora”. Os filhos serão matriculados na faculdade de direito. Torna-se conveniente que um dia seu primogênito não se case mais com uma prima remediada, mas com a filha de um riquíssimo banqueiro da capital. Eles são forçados a ampliar seus negócios nos centros urbanos para que não acabem. Eles aplicarão dinheiro em outras atividades além da fazenda.²³

A partir desta citação passamos a entender que é chegada a hora em que a Casa-grande é abandonada e o patriarca se vê obrigado a participar da vida social nas grandes cidades, levando consigo alguns agregados, de modo que o império do patriarca vai cada vez mais enfraquecendo e da zona rural vai passando a exercer seu domínio no espaço urbano seja na indústria seja no comércio. No entanto, a mulher ainda vai permanecer como a rainha do lar.

A partir da aceleração do processo de industrialização no Brasil, podemos verificar que a família cada vez mais vai se organizando com sua estrutura nuclear e portanto, uma família menor do que aquela de antes em um contexto rural. A mulher vai aos poucos inserindo-se no mercado de trabalho e ao lado da influência dos movimentos feministas cada vez mais vai ocupando o espaço público e dividindo com o marido a provisão material do próprio lar. Merece destaque nesta mudança de

²² GONÇALVES, Josiane Damasceno. “Não bata, eduque”: considerações sobre a criação Infanto-Juvenil nos lares domésticos na cidade do Rio De Janeiro. Monografia (Bacharelado em Direito) – Instituto Metodista do Rio de Janeiro, 2008. p. 15.

²³ COLEÇÃO NOSSO SÉCULO, 1980.

configuração familiar a descoberta da pílula anticoncepcional, que a partir da década de 60 vai possibilitar à mulher separar a procriação do prazer, conduzindo tudo isso à organização de famílias cada vez menores em relação à família rural dos séculos anteriores.²⁴

²⁴ SOUSA FILHO. Vicente Gregório de. Estudos de gênero: elucidações conceitual e histórica para construção do seu significado. *Revista Multidisciplinar*, Parnaíba, v. 1, n. 1, p.110-108, 2009.

2 PÓS-MODERNIDADE, FAMÍLIA E NOVAS FORMAS DE CONVIVÊNCIA

2.1 Pós-modernidade e família

De acordo com Cotrim²⁵ o termo pós-modernidade designa um conjunto de intelectuais, inclusive filósofos que manifestaram sua indignação com o modelo totalizante da modernidade que pretendeu decretar a emancipação política, racional e científica da humanidade. A frustração ocorre em virtude de permanecerem misérias, catástrofes, desigualdades sociais e ambientais e guerras na sociedade. Somado a tudo isso, verificamos a vitória do sistema capitalista que globaliza a miséria em todo o planeta. “Assim o termo pós-moderno designa o fim do projeto da modernidade, ou seja, a falência historicamente constatada de que a razão possa favorecer a emancipação humana”²⁶

Este movimento caracteriza-se por uma severa crítica aos padrões éticos e estéticos que vigoraram no século passado e é típico das sociedades pós-industriais baseadas na informação. Simbolicamente, pode-se dizer que surge com a explosão da bomba em Hiroxima e Nagasaki, fato que deixa o mundo perplexo diante do poder demonstrado pela ciência moderna e ganha impulso com os movimentos de contestação política na França de 1968. Mais do que um movimento filosófico, o pós-modernismo é um paradigma sócio-cultural baseado em novas premissas para a vida e a sociedade humanas: a conquista do espaço extra-terrestre; os avanços da biologia molecular com a descoberta do DNA; o aumento desenfreado do consumo nas sociedades capitalistas e sua consequência mais imediata- o individualismo exacerbado; a liberação feminina; a música eletrônica; o niilismo nas artes em geral.²⁷

Em virtude de a pós-modernidade ser uma denúncia a uma visão de totalidade própria dos tempos modernos, o que se vai constituir a partir de então é um conjunto de fragmentos e a valorização das individualidades e visão fragmentária da vida cotidiana, buscando uma valorização e tolerância à diversidade. Por isso, a visão relativista da sociedade e da religião. Deste modo, a pós-modernidade abandonando também uma visão sistêmica da própria religião vai colaborar para que o ser humano busque preencher seu vazio existencial a través de grupos religiosos que captem o momento desta fragmentação e por vezes, manifestam a superficialidade e intensidade destas buscas que podem ser também efêmeras e

²⁵ COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia: história e grandes temas*. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2001. p. 226-231.

²⁶ COTRIM, 2001, p. 227.

²⁷ GONÇALVES, Júlia Eugênia. A pós-modernidade e os desafios da educação na atualidade. *Revista científica Aprender*, 2. ed., 2008. Disponível em: <<http://revista.fundacaoaprender.org.br/index.php?id=116>> Acesso em: 17/06/2011.

sem consistência. Daí, no que diz respeito à constituição da família e do casamento, vivermos num ambiente em que mais se valoriza a cerimônia religiosa com sua beleza do que o compromisso de fidelidade e indissolubilidade antes valorizados pelos fiéis.

Pode-se afirmar, com clareza, a importância vital da família para a iniciação de uma vida em sociedade, como o agente transformador da vida social, onde o homem é chamado “a viver e a testemunhar o amor que une todos os que crêem em Jesus Cristo na igreja, a família de Deus, para o serviço do mundo”, de acordo com a *Gaudium Est Spes*.²⁸ Nesse sentido a família é a célula originária da vida social. É a sociedade natural na qual o homem e a mulher são chamados ao dom de si no amor e no dom da vida.

A sociedade atual se contextualiza nas condições da pós-modernidade. A família está inserida dentro desta realidade marcada por acentuadas contradições, onde os traços da mesma refletem no social. A dignidade desta instituição sofre os resquícios causados pela nova tendência de ver o mundo, na escuridão dos valores, no não compromisso, nas uniões consensuais, no divórcio entre outras deformações.

O ambiente familiar sofre as influências propagadas pelos paradigmas propostos, sendo importante observar os aspectos problemáticos que tais mudanças atingem na convivência familiar e, conseqüentemente na sociedade. Assim como nos exorta a *Gaudium Et Spes*.²⁹

Uma evolução tão rápida das coisas, progredindo com frequência desordenadamente, e mais ainda a própria consciência mais aguda das discrepâncias videntes no mundo produzem ou aumentam as contradições e desequilíbrios.

Com tal discurso, o documento mostra de maneira clara e sintética o perfil da sociedade atual que, na busca acirrada pelo processo evolutivo, se tornou alvo dos paradigmas impostos pela mesma, que contribuíram para o desequilíbrio da humanidade, gerando uma mentalidade adversa ao plano de Deus para a família.

²⁸ COMPÊNDIO DO VATICANO II, 2008, p. 139.

²⁹ COMPÊNDIO DO VATICANO II, 2008, p. 163.

Numa sociedade que, na acepção de Marulanda³⁰: “prega e incentiva o divórcio, o sexo livre, o casamento aberto, a infidelidade conjugal; por outro, tenta criar para equiparar relacionamento de pessoas do mesmo sexo ao matrimônio”, uniões incestuosas, dentre outras, defende categoricamente uma concepção individualista.

Vale ressaltar que no ano de 1981, no IV Sínodo dos Bispos, denominado Sínodo das famílias, foi promulgado a Exortação Apostólica, citada neste trabalho, *Familiaris Consortio*- A Missão da Família no mundo de hoje. É importante alguns ditames desse documento. Dentre eles, o de número 3 de sua introdução. *Familiaris Consortio*³¹, assim cita:

Num momento histórico em que a família é alvo de numerosas forças que a procuram destruir ou de qualquer modo deformar, a Igreja, sabedora de que o bem da sociedade e de si mesma está profundamente ligado ao bem da família, sente de modo mais vivo e veemente a sua missão de proclamar a todos o desígnio de Deus sobre o matrimônio e sobre a família, para lhes assegurar a plena vitalidade e promoção humana e cristã, contribuindo assim para a renovação da sociedade e do próprio povo de Deus.

Vê-se que a família atual é alvo de destruição, e a Igreja tem a missão de revelar a todos os desígnios de Deus em relação ao matrimônio e à família, assegurando-lhes uma dignidade humana e cristã, além de proporcionar uma renovação da sociedade e do próprio povo de Deus. No mesmo documento, o de número 6 da I parte, quando se refere à situação da família no mundo de hoje, dito pós-moderno, relata que: A situação em que se encontra a família apresenta aspectos positivos e aspectos negativos: sinal, naqueles, da salvação de Jesus Cristo operante no mundo, sinal, nestes, da recusa que o homem faz ao amor de Deus. E do número 42³², III parte, evidencia que:

Pois que o Criador de todas as coisas constituiu o matrimônio princípio fundamental da sociedade humana, a família tornou-se a célula primeira e vital da sociedade. A família possui vínculos vitais e orgânicos com a sociedade, porque constitui o seu fundamento e alimento contínuo mediante o dever de serviço à vida: saem, de fato, da família, os cidadãos e na família encontram a primeira escola daquelas virtudes sociais, que são a alma da vida e do desenvolvimento da mesma sociedade.

³⁰ MARULANDA, Ângela. O desafio de Crescer com os filhos: valores e atitudes que ajudam na formação das novas gerações. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 155.

³¹ JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*. 16. ed. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 6.

³² JOÃO PAULO II, 2002, p. 75.

Neste sentido, o documento traz uma reflexão sobre o valor fundamental do matrimônio e da família, que é chamada por Deus a desenvolver sua responsabilidade buscando a plenitude do Reino de Deus. E o matrimônio, instituído por Deus, encontra na essência deste sacramento a sua realização quando vivencia o mesmo com indelével devoção, tornando-se a Aliança que une Deus a seu povo. E, assim, buscando uma maturidade cristã para o bem estar de todos, renovando a sociedade. Destaca-se também o foco central do Nº 45³³, da III parte:

A família e a sociedade têm certamente uma função complementar na defesa e na promoção do bem de todos os homens e de cada homem. Mas a sociedade, e mais especificamente o Estado, devem reconhecer que a família é “uma sociedade que goza de direito próprio e primordial” e que, portanto, nas suas relações com a família são gravemente obrigados ao respeito do princípio de subsidiariedade.

Esse documento cristão é relevante ainda por verificar a família em relação à nova ordem internacional, caracterizada por vários problemas sociais, onde a família expande de maneira inovadora o seu papel para com o próprio desenvolvimento da sociedade. Trata-se, portanto, de um documento ímpar sobre a função de família nuclear na sociedade atual com suas transformações, crises e valores.

2.2 Famílias em transição e seus desafios para a sociedade e a igreja

Streck³⁴ apresenta uma visão positiva a respeito da família, reconhecendo que o bem-estar da sociedade e das pessoas passa por ela. No entanto, apresenta questionamentos no que tange a um unívoco modelo de família que a sociedade burguesa padronizou como sendo a família normal ou ideal. A partir da década de 60 muitas mudanças culturais transformaram um mundo estático num mundo mais dinâmico. Tais mudanças puderam ser sentidas nas áreas das comunicações, do gênero, da economia e da biotecnologia. Neste sentido, percebemos que a família nuclear, patriarcal e machista passou a perder espaço neste mundo globalizado. Ao lado da família tradicional e cristã passaram a coexistir novas formas de convivência familiar, quais sejam: famílias de divorciados, filhos órfãos, a figura da madrasta, famílias homoparentais, homossexuais lutando pela adoção de crianças e pelo

³³ JOÃO PAULO II, 2002, p. 79.

³⁴ STRECK, Valburga Schmiedt. *Famílias em transição: desafios para a sociedade e a Igreja. Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 47, n. 1, 2007.

reconhecimento civil de união estável, homens e mulheres que passam para uma segunda união, às vezes com pessoas mais jovens.

Considerada a estrutura essencial para a sociedade, a família tem passado por muitas mudanças nas últimas décadas. Deixou de ser uma instituição padrão, onde o casal desenvolvia sua vida e educava seus filhos dentro de um convívio familiar baseada em companheirismo e cumplicidade. O texto destaca que “80% dos alunos de uma escola vem de lares onde os pais são separados,³⁵ isso mostra que a família apresenta uma nova dinâmica, onde, por exemplo, os filhos de casais separados, pais que abandonam os filhos por outro companheiro, filhos que possuem duas famílias, são situações que passaram a fazer parte do cotidiano da família moderna. Porém, destaca-se desde já, que a afetividade que faz parte do convívio familiar, sendo base para a vida de qualquer pessoa, tem diminuído muito com essas mudanças.

No entanto, a família não é uma estrutura estática, posto que vem sempre sofrendo modificações. Na antiguidade, o casamento significava a compra da mulher que passaria o resto da sua vida dependente de seu marido, tendo que garantir a descendência do esposo (patriarcal). “O homem pagava com seu trabalho para ter a mulher”.³⁶ Na Idade Média, sendo desenvolvida dentro do contexto social da época, a família estava mais voltada para o trabalho. Ainda pequenos, as crianças tinham que trabalhar. A mulher ainda continuava sendo subordinada ao marido.

Com o fim da Idade Média a estrutura familiar passou por muitas modificações. Inicialmente a igreja passa a ter uma forte influência nas questões familiares, onde a família passa a ser vista com criação de Deus. A família de Jesus Cristo era um forte exemplo para a sociedade da época. “Assim, também a família ideal é retratada através da família santa”³⁷. Porém, apesar de já ocorrer alguns traços individualistas, rompendo com a estrutura patriarcal, o homem ainda é a figura maior, devendo sempre ser obedecido por todos. Com a reforma de Lutero, a mulher passou a ter um papel de maior importância dentro da família, onde já podia tomar decisões junto com o marido (mas ele era a figura maior).

³⁵ STRECK, 2007, p. 27.

³⁶ STRECK, 2007, p. 28.

³⁷ STRECK, 2007, p. 30.

Porém, na realidade, essa família santa, com pai, mãe e filhos, era um pouco diferente. Por ser uma época de muitas dificuldades sociais (guerras, doenças), a família tinha muito mais pessoas agregadas a sua estrutura básica. No Brasil, quando os primeiros imigrantes aqui chegaram, viviam juntos pais, tios, avós, amigos. No entanto, o pós-guerra acentuou algumas mudanças sociais que afetam a estrutura familiar: a propaganda de uma família constituída pelos pais e dois filhos vem sendo difundida. Isso rompe com aquela estrutura em que os filhos eram considerados força de trabalho, exigindo um grande número de descendentes. Essa nova dinâmica só começou a ser aceita quando retratada pelos filmes de Hollywood. Contudo, o homem ainda é a figura maior dentro da família: tem que sustentar a casa.

A partir de da década de 60 as mudanças pelas quais a sociedade foi submetida leva ao rompimento da família patriarcal: “também chega ao final a família patriarcal”.³⁸ Dentre as mudanças que levaram a essa nova conjuntura destaca-se a facilidade de comunicação no mundo globalizado onde pessoas de distantes lugares do mundo podem trocar informações simultaneamente contribuindo para o desenvolvimento de novas concepções culturais; a economia globalizada onde o trabalho do homem forte fica a cada dia mais distante: busca-se qualificação abrindo as portas para as mulheres; movimentos sociais que exaltam a igualdade de direitos entre homens, mulheres, homossexuais; e por fim o avanço da biotecnologia que permite a mulher fazer o planejamento de sua vida, o pai de seus filhos e outros.

Todas as mudanças citadas no parágrafo contribuíram para o fortalecimento da mulher no âmbito familiar. Por outro lado, essa nova dinâmica foi acompanhada de um grande número de mães jovens e solteiras, divórcios, filhos abandonados. Isso em virtude, das mudanças sociais predominantes (fome, desigualdade social), que afetam o convívio familiar.

No âmbito da Igreja, todas as mudanças pelo qual a estrutura familiar é submetida acabam alterando as formas de se analisar a instituição família: “Para a Igreja, a mudança em que a família e a sociedade se encontram é um desafio”.³⁹ Para facilitar a compreensão dessa nova dinâmica é necessário a verificação de alguns pontos nas práticas pastorais e sociais da família.

³⁸ STRECK, 2007, p. 36.

³⁹ STRECK, 2007, p. 38.

Destacam-se entre esses pontos a questão de uma família democrática onde homem e mulher têm direitos e deveres iguais: fim da família patriarcal, onde, em alguns casos as mulheres assumem a frente da instituição; a importância que os jovens dão ao convívio em família: nos dias de hoje esse convívio é muito limitado; a questão do trabalho e a família: o crescimento profissional leva as pessoas a deixarem, muitas vezes, a família de lado; a figura do pai como parte fundamental na educação dos filhos: muitas vezes (principalmente em casais divorciados) os pais não acompanham o crescimento dos filhos; e a re-valorização da família: a importância que o convívio familiar tem na formação e na vida das pessoas, através da confiança, o amor e companheirismo.

Um tópico que merece destaque no texto é o que trata das famílias nucleares numa perspectiva discordante da mesma como ordem da criação. Aí a autora apresenta argumentos que mostra que inicialmente a família era um clã, a casa ou parentela. Outro aspecto interessante é que embora houvesse a monogamia como regra, aos homens era tolerável a poligamia. Também o texto apresenta a influência que Santo Agostinho deixou para a compreensão do matrimônio cristão, já que sua visão dicotômica não conseguia ver no ato sexual algo bonito e sacro. De influência platônica, o maior expoente da patrística postulava que o casamento apenas serviria para a perpetuação da espécie.

Quando finda a Idade Média não podemos imaginar que o patriarcalismo tenha desaparecido. Embora comece a surgir a idéia de indivíduo, os quadros nas igrejas têm a função de expressar a família como o lugar do amor de Deus para com a humanidade. O pai passa a encarnar a idéia divina de governante e provedor, sendo que a mulher continua submissa e depende do varão. Já na França, a mulher se torna a figura romântica da docilidade que se ocupa de educar os filhos⁴⁰. Ainda no século XVII, na Alemanha vamos ver difundido nas paredes das igrejas e nas casas dos luteranos o quadro da numerosa família Lutero, onde um paradigma de patriarcalismo, numerosa prole e servidão da mulher passam a ser referência para o mundo protestante. O texto é contundente quando demonstra que na vida real a família de Lutero não foi tão ideal como o quadro preconizara. Catarina foi mulher de fibra, questionadora das idéias de seu esposo e uma grande administradora. Porém, após o falecimento de Lutero, morre pobre, lutando para bem cuidar de seus filhos.

⁴⁰ ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio. Mem. Martins: Europa-América, 1990. 2 vls.

Outro elemento do texto que muito me tocou foi a idéia de que a família se torna indispensável quando um grupo passa a conviver e a estar sempre junto independente dos laços sanguíneos próximos ou distantes, uma vez que nas novas formas de convivência o que vai interessar é a comunicação de afeto e o cuidado dispensado sobretudo aos infantes e adolescentes, posto que há crianças que convivem com seus tios, avós e até mesmo com casais que se tornam pais e mães adotivos e conseguem fazer a experiência de um ambiente sadio e de muita proteção.

Na visão de Manuel Castells⁴¹ a respeito das mudanças culturais que contribuíram para o enfraquecimento da família patriarcal, ou seja: a) a revolução do mundo das comunicações, onde passamos a ter uma comunicação de massa e uma cultura globalizada. Em tempo real passamos a consumir exatamente o que os países ricos consomem. E em pouco tempo adotamos os mesmos comportamentos destes países; b) A economia globalizada que passa a usar a mão-de-obra feminina e daí a mulher visitando os espaços públicos, torna-se também provedora do lar e agirá com maior autonomia; c) O advento dos movimentos sociais, sobretudo a luta das feministas, tendo como parâmetro os direitos humanos mobiliza as mulheres para combater todo tipo de opressão a ela infligidos; d) O avanço da biotecnologia coloca com o surgimento da pílula anticoncepcional a possibilidade e a mulher separar o prazer da procriação, facilitando a administração do prazer e a busca por novos parceiros.

Todas estas mudanças culturais fizeram com que o modelo de família nuclear e patriarcal chegasse a um verdadeiro colapso por que a sociedade atual não é mais predominantemente rural e sim urbana.

Roudinesco⁴² salienta as mudanças na cultura seja nos costumes, seja nas condições econômicas, mostrando a partir da história e da psicanálise o sofrimento presente nos membros da família. A autora ressalta a crise da paternidade, da família nuclear, cita o advento do papel e da força feminina na família e na sociedade. Roudinesco entra em diálogo, em sua obra de natureza multidisciplinar, com importantes autores como Levi-strauss, Sigmund Freud, Lacan, Melanie Klein, Simone de Beauvoir para explicar que mesmo com tanto desfacelamento da família,

⁴¹ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 2.

⁴² ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

que perdeu a autoridade paterna, onde a mulher ganhou mais força com o controle da fecundação e a presença no mundo do trabalho, a realidade das uniões homossexuais, etc., a família precisa ser reinventada, há um desejo de família ser reconstruída, não sabemos com quais parâmetros, porém que traga mais equilíbrio emocional e menos sofrimento a seus membros.

2.3 Divórcio e recasamento

Na percepção dos autores⁴³ em seu texto que discorre sobre a separação e o divórcio no Brasil a partir de dados e estatísticas, a experiência da separação e do divórcio atinge um grande número de pessoas seja numa linha direta seja em suas conseqüências, quando se tem pais divorciados. Logo nas primeiras páginas, o texto apresenta a defesa de que a monogamia serial será o modelo de constituição familiar do futuro. Entendendo esta como os casamentos de curtos espaços de tempo que se sucedem regularmente.

As principais causas do divórcio estão ligadas quase sempre a problemas de ajustamento. Isso pode ocorrer com casais muito jovens, com casais já maduros que se cansaram da convivência e casais que foram obrigados a contrair o vínculo matrimonial. Muitos foram os que viram no casamento uma solução para sair de casa, outros se separam em função das grandes diferenças culturais, religiosas e até mesmo econômicas em relação às suas famílias de origem, relações extraconjugais, dentre outras.

Uma dimensão importante tratada no texto foi a que discorre sobre as fases do divórcio, quais sejam: pré-divórcio, divórcio e pós-divórcio. Na primeira fase, os cônjuges ainda se esforçam por manter uma relação quase destruída. No fundo, há a esperança de que os ajustes possam ocorrer. Mas, quase sempre surgem medos e inseguranças. O divórcio propriamente dito se instala com a decisão da separação e um dos cônjuges resolve sair de casa. Aí a desorganização familiar se instaura. Com o divórcio, os cônjuges passam a perder amizades que foram construídas enquanto eram um casal coeso e será difícil agora manter a relação de aproximação quando um dos cônjuges está ausente. Os filhos ficam sofridos e inseguros porque sabem que vão perder o lar e a companhia de um dos pais. No entanto, cabe aos

⁴³ SCHMIEDT-STRECK, Valburga; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Imagens da família*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 87-110.

pais preparar os filhos para este acontecimento. Muito embora, a separação dos pais se configure como um luto, uma morte e inúmeras perdas para as crianças e adolescentes, é necessário a superação e a capacidade de aprender a conviver com esta realidade nova. A última fase é o pós-divórcio que significa a capacidade de se reestruturar após o divórcio. Dentro de três anos ou mais as pessoas passam a aprender a conviver com uma nova visão de presente e de futuro, muito mais equilibrada e otimista.

No que tange ao recasamento, as estatísticas apresentam as mulheres como as que menos têm a coragem de recomeçar a vida matrimonial numa segunda união. Isso ocorre pela idade em que são abandonadas pelos maridos e também porque têm que conviver com os filhos, que nem sempre aceitam passivamente a idéia de uma segunda união para sua mãe.

Os autores colocam os problemas éticos da separação e do divórcio a partir das concepções religiosas presentes no imaginário dos cônjuges, vez que vivemos num país cristão de maioria católica. Isso significa que as pessoas precisam aprender a conviver com as idéias de culpa e pecado. É interessante ainda a apresentação da visão luterana e a visão católica sobre o casamento, sendo que a primeira parece ser mais flexível por não acreditar no caráter sacramental do matrimônio, sendo a responsabilidade do estado legalizar a união entre os cônjuges e também efetivar as separações por meio do divórcio. Já a Igreja católica acredita na indissolubilidade como algo sacramental e, portanto, não admite o divórcio e a separação em nenhuma circunstância.

Finalmente, a pergunta: o que segura e mantém a união conjugal? Certamente o viço e a paixão da juventude vão esfriando ao longo dos anos, mas o companheirismo passa a ser a maior referência na vida a dois. As pessoas passam a se sentir seguras, as amizades que são construídas ao longo de décadas, os projetos de vida, as tarefas conjuntamente realizadas, dentre outras. Tais argumentos parecem justificar a convivência duradoura a dois.

Em conformidade com o pensamento de Almeida⁴⁴ a Igreja católica sente um grande desconforto em falar de divórcio e segundas núpcias, todavia não podemos fechar os olhos a uma realidade que ocorre frequentemente até mesmo

⁴⁴ ALMEIDA, Humberto Pereira de. *A família no mundo em transformação*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 40.

com pessoas do nosso círculo familiar e de amizades, pois são tantos os divórcios, separações e também casamentos civis ou novas uniões. É preciso reconhecer que não podemos dormir tranquilos em face de tantas situações que oprimem e massacram as pessoas. São problemas profundamente humanos. Separações e divórcios acontecem quase sempre depois de poucos anos de convivência, conforme estatísticas oficiais.

O autor previamente citado recorda que embora a Igreja se sirva de um discurso de que a mesma precisa mostrar-se misericordiosa e com coração de mãe aos casais divorciados e de segunda união, estimulando a acolhida e a participação na vida eclesial, permanece rígida no que diz respeito à plena comunhão, a saber, a comunhão eucarística, uma vez que os mesmos não podem receber a hóstia consagrada.

O casamento sempre foi para a comunidade cristã algo fundamental para a continuidade da fé e da sociedade a ponto de somente em hipóteses extremadas, como a morte ou adultério, ser permitida a separação.

Homem e mulher foram criados desde o início para ser uma só carne; isso significa uma unidade integral de corpo e alma, que é inseparável (Mc10.4ss). A união matrimonial é instituída por Deus. Quem a separa quebra ordem Divina.⁴⁵

Assim, homens e, especialmente, mulheres foram instruídos a terem uma convivência familiar impecável, a formarem “uma só carne”(Gen. 1.24). No entanto, é necessário salientar que tal instrução visava um casal que gozava de uma perfeita harmonia no Jardim do Éden e reproduzir tal unidade se tornou cada vez mais difícil, causando na cristandade ocidental enorme conflito ético-espiritual. Pois se vêem em uma espécie de encruzilhada, onde de um lado está sua fé, sua crença e do outro está o desejo de recomeçar algo que pelas mais variadas formas não deu certo. Tais incertezas são, em parte, pela rapidez com que se processaram as mudanças na atualidade. Mudanças profundas em conceitos, até pouco tempo, inquestionáveis, conforme exposto anteriormente. No Brasil, a bem pouco tempo atrás, cerca de 60 anos, quase não se ouvia falar em separação, isso por causas, mais sociais e religiosas, que por casamentos felizes. Porém, mesmo diante da insatisfação

⁴⁵ SCHMIEDT-STRECK; SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1996, p.104.

conjugal as pessoas preferiam sacrificar-se à ser chamadas de “separadas” - em especial a mulher, que seria chamada de forma pejorativa de cendeira.

Somente a partir do ano de 1977, é que o divórcio passou a ser permitido por lei no Brasil. O que não significou a liberdade psicológica da sociedade brasileira, profundamente marcada pelos princípios éticos cristãos. Agora surgia um novo dilema, seguir os ensinamentos religiosos, ou iniciar uma nova vida juridicamente respaldada? Muitos optaram e ainda optam pela segunda opção, pois a partir da década de 70 o número de divórcios aumentaram significativamente e “o que contribuiu foi que as mulheres começaram a ser mais independentes, tanto sob o aspecto econômico quanto sexual”,⁴⁶ afinal, o que dava sustentação aos casamentos era a posição de subserviência da mulher, o que nem sempre era correspondida pelo marido, contrariando os ensinamentos bíblicos, onde São Paulo ensina que “maridos, ame cada um a sua mulher[...]”(Efésios 5.25) . No entanto, a escolha pelo divórcio – agora oficialmente aceito - está repleta de riscos e de consequências traumáticas para todos os envolvidos nesta arriscada trama. Não somente os cônjuges sofrem com esta decisão, mas também parentes, amigos e especialmente filhos. Estes últimos - de forma inocente (na infância), de forma rebelde (na adolescência) ou ainda de forma confusa quando adultos - sofrem severos traumas, isso em razão da maioria das separações judiciais serem realizadas quando ainda há sentimentos envolvidos.

Passado o trauma da separação, os filhos se vêem em outro dilema: aceitação dos novos parceiros dos pais. Agora, o filho tem que aceitar e muitas vezes conviver com alguém que nem juridicamente, nem biologicamente possui nenhuma gerência sobre suas vidas. A lei do divórcio foi capaz de por fim a diversas situações frustrantes para um casal, como conviver sem amor ou relação sexual, ou ainda suportando alcoolismo e violência doméstica, porém, esta mesma lei não regulamentou como seriam os novos relacionamentos dos cônjuges separados e dos seus filhos com os novos parceiros ou namorados. Esta “quarta” pessoa que se insere na família, chega com a difícil tarefa de substituir a presença paterna ou materna. Tarefa que não é das mais fáceis, pois em muitos casos o filho do cônjuge, recém acompanhado, ainda possui em suas memórias a imagem da antiga família composta e supostamente feliz. Custem afirma que “se existir uma lembrança

⁴⁶ SCHMIEDT-STRECK; SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1996, p. 88.

precisa do funcionamento do primeiro casal conjugal, a relação com os parceiros do pai e da mãe será mais difícil de instaurar”.⁴⁷ Assim, visualizamos novas famílias repletas de conflitos e de discórdias entre filhos e novos “pais”, pois como esses filhos não se vêem ligados afetivamente e juridicamente aos novos parceiros dos pais, estes também não se sentem ligados àqueles, se não pela relação com o parceiro.

Em meio a tantas divergências psicológicas e por vezes físicas, torna-se necessário a intervenção de um especialista em terapia familiar, ou mesmo, para as famílias que mantêm uma vida religiosa ativa, acompanhamento por um líder religioso apto a orientar as decisões que esta família recomposta irá tomar. Este acompanhamento, tem se mostrado mais proveitoso quando é realizado com a presença de todos os membros desta família, tanto a nova família como a antiga, para que desta forma cada um tome consciência do seu papel nesta nova fase de suas vidas e compreendam que não há uma substituição de papéis, mas sim a construção de novos.

Sem dúvidas o modelo familiar bíblico, em que não há dissolução do matrimônio seria o ideal para a educação dos filhos. No entanto, a adaptação a novos modelos familiares se faz necessária, afinal, eles já estão inseridos no cotidiano brasileiro. Seria cômodo fechar os olhos diante desta situação e acreditar que tudo ao nosso redor é um paraíso. Infelizmente a realidade é bem diferente, e caberá aos líderes religiosos, terapeutas familiares e a própria sociedade compreender que essas mudanças são inevitáveis, porém suas conseqüências podem ser menos dolorosas para todas as partes envolvidas na relação, tanto cônjuges, filhos, familiares, amigos e novos parceiros ou namorados que se aventuram nesta empreitada.

2.4 Os namorados ou cônjuges dos pais: nascimento e evolução de uma relação parental

Segundo Custem⁴⁸ quando analisa a convivência entre crianças e padrastos, de início ocorre uma inexistência de um vínculo jurídico entre os mesmos e isso pode trazer conseqüências para a relação. O certo é que pelo constante contato

⁴⁷ CUSTEM, Chantal Van. *A família recomposta: entre o desafio e a incerteza*. Instituto Piaget, 2004. p. 94.

⁴⁸ CUSTEM, 2004.

elabora-se um vínculo de ordem afetiva, onde pela conquista e carinho o padrasto e a madrasta poderão ser bem sucedidos em suas pretensões de educação das crianças, posto que a relação desenvolver-se-á a partir da gratuidade e não da obrigatoriedade. Por outro lado, por não haver vínculo jurídico e sanguíneo as crianças mais rebeldes terão dificuldades em aceitar as normas postas pela madrasta e pelo padrasto.

Considerando uma harmoniosa convivência entre crianças e padrastos torna-se relevante analisar o que poderá ocorrer quando se estabelece um vínculo afetivo duradouro entre ambas as partes, se repentinamente, a família recomposta se fragmenta. Certamente, mais uma vez as crianças serão as mais prejudicadas e até mesmo castigadas. Digo mais uma vez porque a criança deverá aprender a conviver agora não mais com a perda ou luto do pai ou mãe biológica, mas com o padrasto e madrasta, que se tornaram íntimos e amigos. Da parte dos adultos não mais haverá uma obrigatoriedade legal que os impulse a buscar contatos com aquelas crianças e aos poucos a relação poderá esfriar. O mais grave é que muitas vezes as crianças sequer lembram dos pais biológicos e os vínculos afetivos realmente instalados vieram a se estruturar com os padrastos e madrastas.

Um aspecto a observar é a questão dos valores educativos. E aí devemos considerar que na família recomposta, os pais biológicos e também os padrastos já têm uma visão de mundo mais ou menos definida. A expectativa quanto à educação dos filhos já está estabelecida, e assim as crianças ficarão entre as solicitações normativas do pai ou mãe que com elas convivem, ouvirá as exigências do padrasto ou madrasta e também o pai ou mãe que não convive nesta família recomposta ainda continuará a dar opiniões quanto à dimensão axiológica ou mesmo a formação moral da criança.⁴⁹ O certo é que a família recomposta precisará ajustar os fusos horários no que tange à construção dos valores para que as crianças consigam evoluir atingindo objetivos que lhes sejam claros por parte dos adultos.

Uma dimensão que me cativou ainda no texto foi a de que trata sobre as funções específicas dos padrastos e madrastas. Inicialmente, podemos lembrar que historicamente a figura da madrasta simboliza uma mulher má, perversa que vem tentar ocupar de forma autoritária, negativa e fria a presença da mãe. No entanto, dependerá da madrasta a tarefa de saber cuidar e cativar as crianças sem

⁴⁹ CUSTEM, 2004.

jamais concorrer com a mãe biológica da criança, pois aos poucos a criança vai recorrendo a ela para que resolva problemas que somente a mãe deliberaria.

No que tange às funções particulares do padrasto ou do namorado da mãe é importante ressaltar que inicialmente o “novo homem” que a criança vê em sua casa é o namorado da mãe, depois pode tornar-se um pai afetivo ou ainda um rival do seu pai ou numa visão psicanalítica um rival em relação ao amor de sua mãe. No entanto, quase sempre a chegada de um padrasto em casa vai significar na prática a entrada de recursos financeiros para a melhoria da subsistência da família, vez que nem sempre as pensões alimentícias são suficientes para suprir as necessidades materiais do lar. Assim, neste item podemos dizer que a presença do padrasto significará uma maior segurança e estabilidade para a criança e sua mãe.

O sistema familiar brasileiro não é mais o mesmo. Foi-se o tempo em que as relações familiares estavam restritas ao núcleo familiar composto pelo trinômio: pai, mãe e filhos. Na atualidade tivemos que nos adaptar com novos conceitos familiares como padrastos, madrasta ou simplesmente o namorado da mãe ou do pai. Esta nova proposição familiar tem se ampliado – com uma intensidade cada vez maior – desde a legalização do divórcio, ocorrido no Brasil em 1977, a partir de então tais termos passaram a fazer parte, não apenas do imaginário popular⁵⁰, mas da realidade familiar de muitos casais e filhos brasileiros. Não obstante, surge agora, uma nova problemática: como compreender estas novas relações parentais? E ainda: estamos preparados para encará-la? Ao que parece, psicologicamente, nós brasileiros não entendemos muito bem este novo formato familiar, pois:

Nas famílias nucleares, todos sabem como funciona a autoridade parental. Eis alguns: ou é partilhada entre os dois progenitores, ou a mãe resolve os problemas diários e o pai intervém nas decisões importantes, ou o pai detém a autoridade e a mãe refere-se a ele em relação a todos os assuntos, ou a mãe resolve todos os problemas e o pai deposita inteira confiança nela.⁵¹

Assim, quando estas certezas mudam e não se tem mais os papéis tão bem definidos, todos estão passivos de sofrer seqüelas nestas novas estruturas familiares.

⁵⁰ Neste caso, nos referimos as tão afamadas madrastas que se immortalizaram nos contos de fadas, muito bem reproduzido pela Disney. Estas mulheres eram sempre representadas como opressora dos filhos do seu parceiro.

⁵¹ CUSTEM, 2004, p. 99.

Falar em madrasta, padrasto ou mesmo namorados do pai ou da mãe é algo mais complexo do que pensamos. Para os estudiosos do tema não é apenas uma questão de nomenclaturas, mas por trás disto há uma forte indicação da relação que estabelece. Neste sentido, resulta interessante dizer que os termos “[...] padrasto, madrasta, aplicam-se ao novo cônjuge do progenitor da criança. O casal deverá, pois, ser casado [...] caso contrário, falaremos em namorado do pai ou namorado da mãe”.⁵² Abordamos esta temática, porque entendemos que, com o estabelecimento de novas famílias, no caso, famílias recompostas, a própria nomenclatura já pode estabelecer laços familiares e amenizar as sequelas criadas por estes novos casamentos, na cabeça daqueles que estão diretamente interessados no assunto, no caso, os filhos do casal progenitor. A questão é tão sensível, que percebemos o grau de aceitação do novo relacionamento do pai ou da mãe a partir da forma de tratamento que é dispensada ao novo cônjuge ou namorado. Não são raros os casos em que os filhos optam por chamar os novos cônjuges pelo nome próprio ou ainda utilizando de forma pejorativa os termos acima expostos. Tais casos apontam para um relacionamento repleto de conflitos mal resolvidos ou ainda, da não aceitação deste novo relacionamento em que os pais se envolveram. Neste caso, não apenas os filhos se tornam vítimas, mas os novos parceiros também se sentirão incomodados.

Quando uma família recomposta inicia com discussões e desentendimentos, muitos atribuem a falta de uma legislação que estabeleça bem mais que o divórcio. Uma lei que deixe bem definido os papéis que padrastos e madrastas deverão assumir no novo relacionamento. Contudo, pensar em relacionamentos estáveis a partir de uma legislação vigente é subestimar os laços parentais que verdadeiramente pode ou não unir uma família. Se tal legislação houvesse, esta serviria muito mais para regular as questões de nome, sucessão e outros pontos jurídicos, do que “criar” um ponto afetivo entre os enteados e os padrasto/madrasta. Outrossim, não podemos discordar com o posicionamento exposto por Custem ao afirmar que “se já é difícil prever o futuro desta família, mais difícil ainda se torna organizar as conseqüências de uma eventual ruptura no que diz respeito à autoridade parental, às obrigações alimentares, etc”.⁵³

⁵² CUSTEM, 2004, p. 89.

⁵³ CUSTEM, 2004, p. 91. (Grifo meu).

Ao se estabelecer uma família recomposta, serão muitos os desafios que surgirão, tanto para enteados, como para genitores e ainda os padrasto/madrasta. Isso porque nem sempre estes novos relacionamentos surgem livres de influências dos antigos relacionamentos ocasionando, lembranças nos filhos - idealizadas em sua maioria - de como era o relacionamento de seus progenitores e passam a ver o novo parceiro de seus pais como o “destruidor (a) de um lar feliz”, dificultando o surgimento ou mesmo aprofundamento de laços parentais. Pode ainda, acontecer que padrasto/madrasta vejam naquele enteado a imagem do relacionamento antigo de seu parceiro, ocasionando ciúmes e desentendimentos, e da mesma forma que o enteado, surgindo um bloqueio na construção afetiva deste novo enlace emocional.

Em face de todos estes obstáculos, se torna necessária uma terapia onde todos os envolvidos nesta trama possam compreender e aceitar seus novos papéis nesta família recomposta. Não é tarefa fácil, mas aquele que estiver na posição de orientar esta família, deverá levar em conta, não apenas o núcleo familiar superficial (progenitor, filho e padrasto/madrasta), mas deverá estender este tratamento, se possível, a todos os atores envolvidos neste embate. Fazendo assim, ficarão mais nítidos os novos papéis e teremos a minimização de intrigas, ciúmes, espionagem e muitos outros tipos de mazelas que impedem o sucesso dos novos casamentos, pois como afirma Serejo: “Estabelecida essa relação de afeto [...] pois a relação que se consolida com o correr do tempo supera qualquer distinção entre o filho biológico e o enteado⁵⁴”.

Para além de discussões especulativas a respeito do que se entende por pós-modernidade, o que se pretendeu salientar neste capítulo foi a realidade de fragmentação e perda de sentimento de unidade e totalidade que atinge de forma direta o conceito tradicional de família cristã católica, alicerçada no matrimônio cristão indissolúvel. Contudo, a Igreja embora não desista de anunciar suas convicções deverá também aprender a dialogar com as múltiplas formas de convivência presentes na sociedade pós-moderna, uma vez que mesmo aquelas que não estão de acordo com os ditames da Igreja também são destinatárias da Boa-nova de Jesus Cristo e, embora feridas por suas fragilidades e até mesmo

⁵⁴ SEREJO, Lourival. *A filiação do afeto: padrasto, madrastra e enteado*. Disponível em: <http://www.lourivalserejo.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=22:a-filiacao-do-afeto-padrasto-madrastra-e-enteado&catid=14>. Acesso em: 14 jun. 2011.

pecados jamais poderão ser excluídas dos braços do Bom Pastor, que veio dar a vida por suas ovelhas desgarradas e veio como médico a curar os que estão atribulados e enfermos.

No próximo e último capítulo, apresentaremos os conceitos mais relevantes do que seja a Pastoral Familiar, como a mesma surgiu no Brasil, quais as principais atividades e missão por ela desenvolvidas e, finalmente, apresentaremos de forma sintética quais são os principais desafios que a cultura pós-moderna oferece a esta pastoral a fim de que possamos detalhar, embora sucintamente, quais são as estratégias e a metodologia de trabalho adotados para a manutenção da família cristã.

3 PASTORAL FAMILIAR: MISSÃO E DESAFIOS EM TEMPOS PÓS-MODERNOS

3.1 Histórico, conceitos e estrutura da Pastoral Familiar

A Pastoral Familiar, um serviço da Igreja para promover, fortalecer e evangelizar a família visando a orientação e educação dos filhos tem como meta formar agentes qualificados para atuar na formação dos noivos, nos três estágios de preparação: remota, próxima e imediata. As prioridades desta pastoral apontam para a indissolubilidade do matrimônio, a superação das crises conjugais, abertura da relação conjugal para a fecundidade e a paternidade responsável, cuidado essencial na educação dos filhos. Deste modo, a família representa a comunhão entre Deus e o homem que tem seu ápice em Jesus que representa a aliança de Cristo pela Igreja. Segundo o documento *Familiaris Consortio*⁵⁵ a vocação universal à santidade é dirigida também aos cônjuges e aos pais Cristãos, destacando dois aspectos: o sacramento do matrimônio que santifica e a vivência do espírito cristão na vida cotidiana. Nesta perspectiva, a Pastoral Familiar se apresenta como resposta da Igreja diante das crises, pelas quais as famílias estão vivendo, visto que há muitas causas que tentam desagregá-las, sejam as mesmas de natureza econômica, social ou, mesmo política.

A Pastoral Familiar desenvolve sua missão através dos três setores que esta pesquisa tem como objetivo investigar: as etapas e estágios a que mais ela se propõe como meta a priorizar, quais sejam: setor pré-matrimonial, setor pós-matrimonial e setor de casos especiais. Nesta perspectiva espera-se que a sociedade sinta-se motivada para a valorização deste serviço da Igreja para animar, fortalecer as famílias na evangelização. Pastoral Familiar é um esforço da igreja, visando não só defender e promover o respeito e dignidade da família, mas também na preparação dos candidatos para vida matrimonial e familiar levando a palavra de Deus a todos que dela precisam. Sua finalidade é promover a formação de agentes, conscientes e disponíveis a enfrentar desafios que a sociedade pós-moderna apresenta, como novos valores à família Cristã impedindo-a de viver segundo as práticas evangélicas, tais como o divórcio, aborto, eutanásia e uniões homossexuais, etc. Neste contexto:

⁵⁵ JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*. 16. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

Pastoral Familiar é um serviço que se realiza na Igreja e pela Igreja, de forma organizada e planejada através de agentes específicos, com metodologia própria tem como objetivo apoiar a família a partir da realidade que se encontra.⁵⁶

A partir da publicação da Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, em 1981, do Papa João Paulo II, a Igreja começou a voltar-se com maior afinco para investigar a realidade familiar. No entanto, a Pastoral Familiar tem seu marco histórico no Brasil a partir de 1989, uma vez que anteriormente estava atrelada ao setor dos Leigos e da Pastoral da Criança. Todavia, em 1993, com a publicação do subsídio “Pastoral Familiar no Brasil” de nº 65, da coleção de estudos da CNBB houve um grande estímulo para a autonomia desta Pastoral. Os Congressos Nacionais da Pastoral firmaram a sua presença e passaram a ser precedidos pelos Encontros Nacionais de Assessores Espirituais da Pastoral Familiar. Em 1994, a CNBB escolheu a família como temática da Campanha da Fraternidade. Com o Lema “A Família Como Vai?”, o texto base vai apresentar reflexões sobre os conflitos e as ameaças da família cristã imersa na realidade cultural e religiosa contemporânea, lançando também novas luzes e apontando direcionamentos para sua subsistência⁵⁷. Podemos ainda afirmar que a Pastoral Familiar veio desenvolver-se com maior visibilidade, depois de 1997, quando na cidade do Rio de Janeiro O Papa João Paulo II dirigiu uma palavra no II Encontro Mundial do Santo Padre com as Famílias.

A família constitui a base da Igreja e do estado. Isso porque acreditamos que o futuro da sociedade e da Igreja passa pela família. Por isso, diante das enormes forças negativas que incidem sobre essa importante instituição que é a família, as novas gerações perdem de vista os valores, não sabendo como resolver ou enfrentar as dificuldades, a não ser, aqueles que são bem orientados para a vida em família. Se a Igreja defende o matrimônio é por que recebeu este Mandato do Senhor. No Evangelho o Senhor fala da indissolubilidade do matrimônio. Na verdade, o matrimônio, instituído por Deus, nunca mais pode ser dissolvido, segundo a vontade de Deus. A doutrina da Igreja sobre o matrimônio tem por fundamento a sua inconfundível concepção da dignidade do homem, dignidade que se expressa

⁵⁶ PASTORAL FAMILIAR. Disponível em: <<http://www.paroquiasantaritadecassia.org/index.php/forcas-vivas>>. Acesso em: 07 jul. 2011.

⁵⁷ DIRETÓRIO DA PASTORAL FAMILIAR. Brasília: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2005. p. 162.

plenamente no amor. O Documento de Aparecida revela que “a família esta fundada no sacramento do matrimônio entre um homem e uma mulher, sinal do amor de Deus pela humanidade e da entrega de Cristo por sua esposa, a Igreja”.⁵⁸ Neste sentido, motivar e sustentar a pastoral familiar, na diocese e nas paróquias precisa ser uma prioridade, pois é através desta pastoral que os casais⁵⁹ terão mais, oportunidade de conhecer e intensificar a importância de se ter uma família, vivendo uma vida cristã ativa, esforçando-se para ser exemplo para seus filhos e educando-os nos valores cristãos.

Segundo o documento exortação apostólica de João Paulo II, o amor é, portanto a fundamental e originária vocação do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus por amor. O homem é também chamado a viver o amor conjugal e espiritual, isto é, o amor divino encarnado no corpo humano. O homem torna-se participante do amor espiritual, e a concretização desta semelhança do homem com Jesus é o matrimônio, na sua forma própria, na qual o homem e a mulher se doam um ao outro com os atos próprios dos esposos e tem como consequência a sexualidade que não deve ser algo puramente biológico mas sim parte integral pela qual os dois se empenham até a morte. Na comunhão de amor entre Deus e os homens, a palavra central da revelação é Deus ama seu povo. Com esse mesmo sentido os cônjuges através das palavras concretas, declaram seu amor conjugal e vivem a fidelidade aos desígnios de Deus e torna-se o símbolo de Deus ao seu povo.

A família é chamada a atuar vivamente na missão da Igreja a serviço da sociedade renovando o vínculo como comunidade, por meio de Cristo através da Fé e da participação nos sacramentos, na escuta e no anúncio da palavra de Deus, sendo cada vez mais comunidade evangelizada e evangelizadora, cumprindo os deveres e as promessas de fidelidade e indissolubilidade do matrimônio cristão a fim de ser um sinal do amor de Deus aqui na terra. Daí porque a Igreja deve investir e promover a preparação para o matrimônio, através da etapa ou setor pré-matrimonial, compreendendo três momentos:

⁵⁸ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de aparecida: texto conclusivo da conferência geral do episcopado latino-americano e do Caribe. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 194.

⁵⁹ A pesquisa aborda a união matrimonial homem e mulher e não leva em conta as assim chamadas novas conjugalidades e parentalidades que se referem à união de casais homossexuais.

- a) Preparação Remota que inicia na infância e deve ser orientada com uma pedagogia própria que possa conduzir as crianças à formação sólida que possibilite o encontro com sexo oposto.
- b) Preparação Próxima, para que o matrimônio seja celebrado vivido como convém ao casal Cristão, fazendo-se necessária a preparação para que se apresente o matrimônio como relação interpessoal, aprofunde os temas como a paternidade responsável, sexualidade e outros que possibilitem a educação adequada dos filhos.
- c) Preparação Imediata refere-se à celebração do sacramento e deve ser ministrada nas últimas semanas que precedem as núpcias.

A Pastoral Pós-Matrimonial refere-se ao empenho da Igreja e da comunidade para ajudar o casal na sua vocação e missão a fim de que se transforme numa comunidade de amor, que possa superar as crises e viver pela fé e pela graça santificadora do matrimônio. No setor dos casos difíceis a Pastoral Familiar deve desenvolver uma ação a exemplo de Jesus, Bom Pastor, que cuida para que não seja só uma ação assistencialista, mas interfira nas estruturas sociais a fim de que, pelo menos, possam ser minimizadas as causas que interferem no bem estar dessas famílias. Por exemplo, podemos citar as famílias de emigrantes, dos deficientes, dos viciados em drogas, etc., todas as famílias, precisam encontrar na Igreja e na comunidade um sinal de unidade na diversidade. Dentre os casos difíceis ou especiais não podemos esquecer a realidade gritante de inúmeros casais cristãos e católicos que contraíram uma segunda união e por vezes, sentem-se excluídos da Igreja. A este respeito, vale a pena escutarmos a opinião do especialista:

Nenhuma desordem ou irregularidade de vida, nem sequer o divórcio e a segunda união conjugal, tem a virtude de cancelar o caráter e o vínculo do Batismo. Por isso, a Igreja, quando se dirige a esses casais, utiliza-se sempre a palavra “fiel”, para confirmar esta condição. Como fiéis leigos, os casais em segunda união devem exercer atividades evangelizadoras, não só na vida pessoal e familiar, mas também na comunidade paroquial.⁶⁰

O amor humano, a procriação e educação dos filhos, a fidelidade a esses deveres tornam-se indispensáveis à felicidade do casal desde que tudo isso seja

⁶⁰ PORRECA, Wladimir. *Famílias em segunda união: questões pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 146.

vivido no Espírito de Cristo. Ao contrário, casais que pensam ser mais católicos deixando seus deveres familiares e se comprometendo mais nos serviços da Paróquia e da Igreja, muitas vezes estão a fugir de suas obrigações próprias da família e fechando-se a uma pastoral ou grupo da Paróquia. Por isso, a vida eclesial deve ser a força que impulsiona a ação evangelizadora e missionária, começando pela família, célula que pretende cristianizar a sociedade. A Igreja ou qualquer Pastoral jamais devem servir de fuga ou alienação às pessoas e famílias que pensam ser mais cômodo servir a Deus do que assumir seus compromissos familiares.

Como exemplo dessa realidade, apresentamos a família de Nazaré que trabalhava nos afazeres domésticos, coisas pequenas que se tornavam grandes pelo Amor a Deus e aos irmãos. Não se pode dividir a vida cristã, separando uma atividade da outra como a oração separada do trabalho, ou outros afazeres. Pelo contrário, todas nossas ações precisam tornar-se uma unidade de vida simples e coerente. Pois, nas pequenas coisas do trabalho diário a família de Nazaré nos ensina o caminho da verdadeira santidade.

Também podemos constatar numerosos exemplos e modelos de mães e pais que com grande carinho, responsabilidade e amor aceitaram, cuidaram e educaram filhos com necessidades especiais, crianças excluídas e abandonadas. Muitas vezes, inclusive, incorporando-os numa família numerosa.⁶¹

Assim, a Família Cristã torna-se um lugar privilegiado para a missão evangelizadora da Igreja, como sinal que irradia o amor de Cristo entre outras famílias, entre amigos e parentes; pelo exemplo de vida, pelos símbolos que evocam a fé católica, que comunicam Cristo aos que estão afastados ou que não vivem conforme os ensinamentos da Igreja. Nos símbolos que ajudam fortalecer a vida de fé estão: a Bíblia, a cruz, as imagens dos Santos, as medalhas, dentre outros.

Faz-se necessário ressaltar, ainda, diante do Diretório da Pastoral Familiar, que a partir da estrutura proposta na *Familiaris Consortio* e considerando a realidade brasileira, a Comissão Episcopal Pastoral para a Vida e a Família propõe uma organização estrutural, sendo a mais comumente usada pela Pastoral Familiar no

⁶¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretório da pastoral familiar. Texto aprovado pela 42ª. Assembléia Geral Itaiçi – Indaiatuba-SP, 21 a 30 e abril de 2004. Brasília: Scala Gráfica e Editora, 2005. p. 117.

Brasil. Essa organização da Pastoral Familiar no Brasil se encontra em termos gerais, assim, estruturada. Conforme, a Pastoral Familiar no Brasil visa à reintegração da família junto à Igreja. Sua estrutura organizacional tem ápice na Comissão Episcopal Pastoral para a Vida e a Família. Ela é constituída pelo Bispo Presidente nacional e um assessor. Para o próprio Diretório da Pastoral Familiar, esta comissão procura:

Despertar nas famílias a importância de educar as crianças e os adolescentes numa perspectiva de integração entre a vida afetiva e sexual: ajudá-los a descobrirem o sentido da sexualidade no contexto do amor, como mediação da felicidade e da realização humana, pode ser um caminho privilegiado para revelar o projeto de Deus a cada pessoa e à sociedade.⁶²

O Diretório da Pastoral Familiar concilia a educação, integração e segurança, nas quais a família deve propiciar a formação espiritual às crianças e adolescentes. Pois, a Igreja vê com responsabilidade o matrimônio e a família, protegendo o interesse espiritual dos filhos. Em sentido hierárquico, logo abaixo vem o Instituto Nacional da Família e da Pastoral Familiar (INAPAF); a Comissão Nacional composta pelo Bispo Presidente, um Assessor Nacional, um casal coordenador, um casal vice-coordenador, casais regionais e Representantes dos Movimentos Familiares e o Núcleo de Reflexão e Apoio (NURAP). Para a Comissão Nacional, o matrimônio e a família contribuem para o caminho da santidade. E como princípio, o Diretório da Pastoral Familiar relata que:

A *Familiaris Consortio*, citando outro importante documento do Vaticano II, afirma que, no projeto de Deus, a vocação universal à santidade é dirigida também aos cônjuges e aos cristãos: é especificada para eles pela celebração do sacramento e traduzida concretamente nas realidades próprias da existência conjugal e familiar.⁶³

Observa-se que a Comissão Nacional da Pastoral Familiar no Brasil evoca o matrimônio e a família em primeiro plano. Na realidade, a Pastoral Familiar brasileira tem na *Familiaris Consortio* a sua fonte básica de fundamentação. Em continuidade à análise da organização da Pastoral Familiar no Brasil, esta conta ainda com a Secretaria Executiva Nacional (SECREN), responsável pelos processos executivos

⁶² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretório da pastoral familiar. Texto aprovado pela 42ª. Assembléia Geral Itaici – Indaiatuba-SP, 21 a 30 e abril de 2004. Brasília: Scala Gráfica e Editora, 2005. p. 62.

⁶³ CNBB, 2005, p. 113.

da Pastoral, um conselho fiscal, uma Diretoria Pedagógica, uma Diretoria de Planejamento, e uma Diretoria Administrativa e Financeira. Observa-se que, para a Diretoria Pedagógica, de acordo com o Diretório da Pastoral Familiar,⁶⁴

É necessário que os pais vivam primeiro aquilo que pretendem que os filhos vivam depois. Os caminhos educacionais são semelhantes às trilhas nas florestas: não bastam os sinais indicadores; é preciso um guia, que vá à frente e mostre, com a sua experiência, as passagens mais seguras, os lugares menos perigosos, as picadas mais diretas. Da mesma forma, a alegria, a paz e todos os valores de um lar têm de encontrar a sua fonte na vivência dos próprios pais.

A Diretoria Pedagógica perfila a própria existência da vida humana. É lógico que os pais precisam indicar as boas orientações mesmo que tenham vivido ou não. Afinal, a Pastoral Familiar no Brasil tem nos princípios fundamentais a própria família e o seu conteúdo nuclear. Neste sentido, a Pastoral Familiar visa à reintegração da família brasileira junto à Igreja para melhor servir à sociedade, testemunhando sua fé em Cristo, em meio às adversidades dos tempos pós-modernos.

3.2 Áreas de atuação da Pastoral Familiar

Antes de discorrermos sobre os desafios da pós-modernidade à Pastoral Familiar, objeto desta investigação, se faz necessário tecer comentários a respeito da estruturação da Pastoral Familiar no Brasil, que teve início a partir da década de 1990. Essa estruturação partiu de uma reflexão da realidade familiar e seu papel de sujeito e agente sócio-transformador. É importante salientar que o Papa João Paulo II, desde o início de seu pontificado dedicou especial atenção à família, através de uma proposta incentivadora para os esforços de evangelização da família. Neste contexto, o Diretório da Pastoral Familiar no Brasil confirma as palavras do Santo Padre:

Em cada Diocese, vasta ou pequena, rica ou pobre, dotada ou não de clero, o Bispo estará agindo com sabedoria pastoral, estará agindo com sabedoria pastoral, estará fazendo um 'investimento' altamente compensador, estará

⁶⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretório da pastoral familiar. Texto aprovado pela 42ª. Assembléia Geral Itaici – Indaiatuba-SP, 21 a 30 e abril de 2004. Brasília: Scala Gráfica e Editora, 2005. p. 66.

construindo, a médio prazo, a sua Igreja particular, à medida que der o máximo apoio a uma Pastoral Familiar efetiva.⁶⁵

Deste modo, a Pastoral Familiar pode ser definida como a ação que se realiza na Igreja e com a Igreja, de forma organizada e planejada com metodologia própria, cujo objetivo principal é evangelizar as famílias, através de seus agentes específicos. Entretanto, a Pastoral Familiar é destinada a toda pessoa independente de sua situação familiar. Assim, ela tem como objetivo uma adequada e exaustiva evangelização da família para que, educada no amor, ela possa ser retransmissora da fé, formadora da personalidade, promotora do desenvolvimento e do senso comunitário.

O campo de atuação da Pastoral Familiar subdivide-se nos seguintes setores: no setor pré-matrimonial (cuidado com a preparação dos jovens para o casamento); setor pós-matrimonial (cuidado dos novos casais ou recém-casados); setor casos especiais (família de migrantes, famílias só com pai ou mãe, famílias distanciadas da vida da Igreja, pessoas sem famílias, casais de segunda união e outros); setor de formação (cuidado na formação de agentes de pastoral).

Quanto aos seus agentes, a Pastoral Familiar tem nos bispos, padres, diáconos, religiosos e religiosas, pessoas casadas ou não, que se interessam pelas causas da família e desejam ajudar a Igreja a tornar realidade viva o grande plano que Deus tem para cada família e para cada um de seus filhos.

Hoje, apesar de já possuir uma certa estruturação e direção, a Pastoral da Família ainda exige muitas situações que precisam ser definidas, claras, objetivas e mais adequadas. Como por exemplo, a falta de iniciativas em diversas paróquias e dioceses na preparação de: encontros para noivos, encontros de casais, orientações a famílias carentes nas zonas rurais, natal em família e na comunidade, celebração da Semana Nacional da Família e outros eventos. Nesse sentido, Balan se pronuncia:

O processo de mudança, em grande parte fruto da cultura urbana nesta pós-modernidade, atingiu grandemente a família hoje, enfraqueceu profundamente valores familiares fundamentais, como o respeito à vida, a indissolubilidade matrimonial, a fidelidade conjugal, a educação humana e

⁶⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretório da pastoral familiar. Texto aprovado pela 42ª. Assembléia Geral Itaici – Indaiatuba-SP, 21 a 30 e abril de 2004. Brasília: Scala Gráfica e Editora, 2005. p. 12.

religiosa dos filhos. Muitas famílias passam por momentos difíceis e de extrema insegurança, de verdadeira desestruturação.⁶⁶

Apesar de tudo, a diversificação nas práticas pastorais existe, não só no âmbito das dioceses, mas também nas paróquias, movimentos e demais organizações familiares. Tudo isso partindo não só da ação dos agentes pastorais e ministros leigos, quanto mesmo dos pastores. Entretanto, de acordo com o Diretório Nacional da Pastoral Familiar.

É preciso também investir decididamente na formação de agentes, em especial daqueles que se dedicam ao acompanhamento e promoção do aconselhamento familiar ou de casais que querem adotar crianças, de especialistas em bioética e políticas públicas familiares.⁶⁷

Nesse contexto, foi aprovado pela 42^o Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em Itaci – Indaituba-SP, de 21 a 30 de abril de 2004, o Diretório da Pastoral Familiar, com o objetivo de contemplar os pontos tradicionais dos ensinamentos da Igreja sobre o matrimônio e a família. Além de tratar as diversas questões emergentes sobre a vida, a dignidade da pessoa e a instituição familiar nos aspectos socioeconômicos, culturais, espirituais e pastorais. Consoante o referido Diretório,

O trabalho desenvolvido pela Pastoral Familiar é amplo e abrangente. É preciso que as equipes que nela trabalham tenham claro quais os seus objetivos e prioridades, cujo enfoque principal é promover, fortalecer e evangelizar a família.⁶⁸

Dentre as principais ações, o Diretório da Pastoral Familiar, destaca a formação de agentes qualificados; oferecer, com qualidade, formação aos noivos; acolher toda e qualquer realidade familiar; unir esforços para que a família seja um santuário de vida; promover o fortalecimento dos laços familiares nos ensinamentos evangélicos, apontando caminhos para a solução das crises e dos problemas intrafamiliares de todo tipo; e incentivar o crescimento da espiritualidade familiar de diversas maneiras.

⁶⁶ BALAN, Maria Fernandes. Hora da família: roteiro de reflexão, testemunhas e oração para famílias, grupos e escolas. 5. ed. Brasília: Setor Família e Vida, 2001. p.5.

⁶⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretório da pastoral familiar. Texto aprovado pela 42^a. Assembléia Geral Itaci – Indaituba-SP, 21 a 30 e abril de 2004. Brasília: Scala Gráfica e Editora, 2005. p. 17.

⁶⁸ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretório da pastoral familiar. Texto aprovado pela 42^a. Assembléia Geral Itaci – Indaituba-SP, 21 a 30 e abril de 2004. Brasília: Scala Gráfica e Editora, 2005. p. 164.

Além disso, o Diretório da Pastoral Familiar desperta a família para seu papel educador, incentiva o sentido missionário da família, oferece contínuo apoio de reaproximação das famílias afastadas da Igreja, e promove a participação da família nos tempos litúrgicos.

3.3 Desafios da cultura pós-moderna à pastoral familiar e estratégias de atuação

A cultura pós-moderna traz muitos desafios para família, quando se trata da criação e educação dos filhos, por muitas razões, como a influencia das drogas, a situação financeira, em alguns casos a falta de trabalho e em outros casos a jornada de trabalho exacerbada, não lhe permitindo uma vida digna, o que toda família Cristã precisa para complementar o projeto de Deus na obra da criação. Neste contexto, a atuação da Pastoral pretende proporcionar acompanhamento e formação à família. No entanto, ela precisa buscar aproximação com outras pastorais, criar os projetos sociais em parceria com estado que ajudem na melhoria das condições de vida da mesma.

De acordo com a palestra proferida por Padre Cláudio Antonio Delfino, Assessor Nacional da Comissão Episcopal Pastoral para a Vida e a Família – CNBB, os desafios experimentados hoje no interior da família e que são também desafios à Pastoral Familiar tem sua origem em questões culturais e que afetam diretamente a família.⁶⁹ Dentre as mudanças de mentalidade, podemos sintetizar sua fala, expondo alguns elementos, em primeiro lugar: Uma frustração em relação à promessa de evolução e progresso próprios da modernidade, que não conseguiram lograr o devido êxito:

Experimentamos hoje uma certa frustração da sociedade moderna. Nesta, erigiu-se a certeza de que as ciências, como expressão mais elevada da razão, conseguiram realizar uma convivência social e política marcada pela paz e o bem-estar. Mas isto desmoronou-se no séc. XX com as duas grandes guerras, os totalitarismos nazistas e stalinistas com sua lógica de opressão e morte, as ditaduras militares com as constantes violações dos direitos humanos, desastres ecológicos, a fome de mais de um terço da população mundial, a massa de excluídos nos países mais ricos, entre

⁶⁹ DELFINO, Cláudio Antônio. Desafios e Perspectivas da Pastoral Familiar na Igreja do Brasil Hoje. Palestra proferida no XI CONGRESSO NACIONAL DA PASTORAL FAMILIAR. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.pastoralfamiliar.com.br>>. Acesso em: 09 jan. 2011.

outros, provocando incríveis violências com graves ameaças à liberdade e a dignidade dos seres humanos.⁷⁰

Na esteira desta reflexão o assessor da CNBB, avalia ainda o impacto da racionalização da modernidade que quis construir uma sociedade prescindindo o valor da fé e do cristianismo, criando um mundo laico e, por vezes, ateu. O positivismo e a visão de ciência a ela subjacente também exacerbaram a prática da objetividade, mensuração e quantificação colocando, assim em último plano as questões metafísicas, éticas e religiosas. Como resultado deste falso progresso, assistimos como já foi exposto à frustração de não poder ver tudo isso realizado, e em conseqüência, na cultura pós-moderna, vivemos o tempo presente sem deixar promessas ou expectativas para o futuro. O importante é experimentar de forma egoísta, hedonista e individual todo o prazer no aqui e agora, já que o futuro é incerto.

Conseqüentemente, a glorificação do presente e das satisfações que o mercado pode oferecer vai esvaziando a cultura da solidariedade, emergindo um individualismo exacerbado. Isto origina um indivíduo instável, de convicções voláteis, compromissos fluidos. Aparece também uma realidade extremamente fragmentada e privada de qualquer transcendência, emergindo uma cultura da superficialidade, juntamente com certa vulgaridade. A existência humana separada de toda transcendência é tomada por grande obscuridade.⁷¹

Dom Orlando Brandes,⁷² em seu artigo intitulado *Influências tecnológicas sobre a Família*, faz uma análise um pouco rápida sobre os impactos da tecnologia sobre a estrutura familiar. Dentre os pontos fundamentais deste discurso estão: o uso inadequado de anticoncepcionais, o videogame na vida das crianças e adolescentes, o tempo diante da Televisão e das telas, o acesso à internet sem acompanhamento por parte dos adultos. O autor não se coloca contra o progresso e a tecnologia, mas auxilia-nos a perceber quais os desafios e de que forma as famílias cristãs devam estar preparadas para lidar com estas questões. Por fim, vale a pena a transcrição do que ele fala sobre o tecnicismo:

Nada contra o trabalho da mulher e do pai fora de casa, mas, o sucesso empresarial pode causar o fracasso familiar. A pressa e o consumismo, fazem a gente morrer no trânsito. As próprias drogas são tecnologia a

⁷⁰ DELFINO, 2005.

⁷¹ DELFINO, 2005.

⁷² Arcebispo de Londrina/PR, Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Vida e a Família – CNBB.

serviço do mal. Protegemo-nos tecnicamente contra o vírus HIV, mas estamos desprotegidos em relação aos valores e limites. Técnicas sofisticadas e a manipulação das palavras facilitam o aborto. Zelamos pelos ovos de tartaruga e sacrificamos embriões humanos. O desenvolvimento tecnológico, leva a ter mais, porém, não tem condições de ajudar o ser humano a “ser mais”. É admirável o domínio do homem sobre a matéria. Foi-lhe dada a ordem de “cultivar e guardar” a terra (Gn 2,15). Não queremos degradar o progresso como também não pretendemos absolutizá-lo.⁷³

A realidade econômica do povo brasileiro num contexto de neoliberalismo vem acentuando cada vez mais a globalização da miséria, posto que ainda são muitos os que vivem abaixo da zona da pobreza, em condições sub-humanas. Deste modo, o grito dos pobres deverá ecoar até a igreja e suas pastorais a fim de que possamos vivenciar o mandamento de amor pregado por Cristo e expresso na solidariedade aos necessitados. Assim,

Cada vez mais as paróquias tem despertado seus fiéis, principalmente os que estão engajados na Pastoral Familiar, e em outros serviços para a solidariedade. Não são poucas as equipes que coletam alimentos e comércios, até mesmo de quem nem participa da Igreja. Os momentos para esta coleta são os mais diversos. Há quem recolhe e reparte mensalmente. Outros aproveitam datas festivas, como o Natal, para recolher, além do alimento, roupas e brinquedos em bom estado para montar as sextas que socorrem as famílias de desempregados e desamparados da comunidade.⁷⁴

Os pais são os primeiros educadores dos filhos por vocação e participação na obra criadora de Deus. A função dos pais para educar os filhos é tão importante que jamais poderá ser substituída ou suprida em caso de a mesma não existir.

[...] todos os pais tem a maior boa vontade de educar bem seus filhos. Mas, não raro, eles esbarram em seus próprios limites. Às vezes, tem a impressão de que seus filhos estão lhes escapando, de que não estão trilhando caminhos totalmente diferentes. Então vem à tona sentimentos de culpa. Justamente na educação dos filhos e no acompanhamento de pessoas jovens nós experimentamos como dependemos da bênção de Deus.⁷⁵

Dentro desta reflexão sobre educação cristã das gerações mais jovens, é importante salientar o esforço que os pais devem realizar para educar os filhos para a solidariedade e o amor. Neste sentido, podemos inferir que mais do que realizar campanhas de solidariedade, muitas vezes paliativas e assistencialistas, constitui-se

⁷³ BRANDES, Orlando. *Influências tecnológicas sobre a Família*. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br>>. Acesso em: 09 de julho de 2011.

⁷⁴ INSTITUTO NACIONAL DA FAMÍLIA E DA PASTORAL FAMILIAR. *Hora da Família: família, pessoa e sociedade*. Brasília: CNBB, 2011. p. 37.

⁷⁵ GRUM, Anselm. *O que devo fazer: respostas a questões que a vida coloca*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 17.

um grande desafio para a Pastoral Familiar, a educação das gerações mais jovens para o serviço, a partilha e a solidariedade. Isso porque numa cultura neoliberal as pessoas são preparadas para vencer, para concorrer e eliminar as outros de seu caminho. Mas, a Igreja precisa continuar ensinando o que Jesus nos transmitiu: amar, perdoar e ajudar o pobre. Aí entra, também a nossa responsabilidade social na transformação deste mundo cão, egoísta, num mundo mais fraterno. Eles não só comunicam a vida aos filhos como os encaminham à espiritualidade. A oração em família como a reza do terço, participar da missa, dos momentos fortes da Igreja na comunidade e na paróquia, a família torna-se modelo para outras famílias a exemplo da Família de Nazaré.⁷⁶ Deste modo, quando o Diretório lembra da iniciação à oração e prática da oração em família para que os filhos se habituem a esta realidade, reconhecemos que o frenesi dos tempos neoliberais e pós-modernos apresenta-se como desafio e entrave a ser suplantado.

Constitui-se um grande desafio à Pastoral Familiar a valorização do direito à vida e à dignidade humana,

[...] espera-se dos governantes e profissionais da saúde, conscientes da dignidade da família, que a defendam contra os crimes abomináveis do aborto e eutanásia; diante de leis e disposições governamentais que são injustas à luz da fé e da razão, deve se favorecer a objeção de consciência.⁷⁷

Acredito que ao lado dos benefícios que a tecnologia trouxe à humanidade, à serviço das ciências da saúde, que são tangíveis e inegáveis como exames de precisão e cirurgias sem sofrimentos exagerados ao ser humano, constitui-se também um grande desafio à Pastoral Familiar, educar os filhos que se iniciam nos estudos levando em consideração que a ciência não é deusa nem garantia de plenitude ao ser humano, pois também a ciência e seus resultados devem obedecer à vontade do criador. Ciência que mata, que manipula a vida e os embriões não está de acordo com o desejo de Deus.

Existe uma estreita relação entre instabilidade conjugal e ocupação feminina no mercado de trabalho, pois na Europa, uma pesquisa revela que nos anos 90,

⁷⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretório da pastoral familiar. Texto aprovado pela 42ª. Assembléia Geral Itaiçi – Indaiatuba-SP, 21 a 30 e abril de 2004. Brasília: Scala Gráfica e Editora, 2005. p. 121.

⁷⁷ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de aparecida: texto conclusivo da conferência geral do episcopado latino-americano e do Caribe. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 195.

80% das mulheres que se separam e contraem segunda união estão inseridos no espaço público contra 30% das mulheres que no início do século passado permaneciam submissas em casa como rainha do lar⁷⁸. Longe de apoiar uma visão puramente patriarcal e machista a respeito da constituição familiar, temos que refletir que a presença da mulher no mercado de trabalho veio deixar uma lacuna enorme na transmissão de amor e valores aos filhos. A situação se agrava ainda mais quando estas famílias de mães ausentes dos lares perdem também a presença do pai. Se os pais biológicos não estão a cuidar de sua prole, possivelmente as crianças ficarão à mercê de creches, avós, vizinhos, funcionários que nem sempre devotarão um tratamento digno a estas crianças. A este propósito, torna-se pertinente seguir o pensamento das autoras abaixo identificadas quando defendem a idéia de que há um grande engano em pensar que todas as mulheres tem uma vocação à maternidade e ao carinho no trato com as crianças. Outro engano maior seria, acreditar que as mulheres deveriam transferir para o trabalho estes supostos dotes exercidos no ambiente doméstico⁷⁹. Aliás, os Meios de Comunicação Social de quando em vez veiculam notícias de maus tratos e até mesmo de aliciamento de menores por parte de pessoas que deveriam cuidar profissionalmente das crianças. Sem querer sacrificar ou mesmo condenar as mulheres, até porque a questão é mais ampla e envolve um contexto novo pós-industrial, onde todos devem trabalhar para melhor suprir as necessidades da família, podemos imaginar que se pai e mãe pudessem dividir melhor o tempo para educação dos filhos, certamente as conseqüências seriam menores.

A facilidade com que as drogas adentram nos lares e deixam suas marcas destrutivas, sobretudo entre os adolescentes e jovens é uma realidade desafiadora para a Igreja e sobremaneira para a Pastoral Familiar. Pe. Zezinho, fala da crueldade com que os traficantes realizam seu trabalho

Há vendedores de veneno, traficantes de veneno, seqüestradores de felicidade, roubando de crianças e jovens a saúde, a dignidade e a vida. Há fazedores de escravos modernos, vivendo à custa da dor de pais e filhos, e nós não sabemos o que fazer com eles. E enquanto não soubermos enfrentá-los e amarrar-lhes as mãos eles vencerão, e o país estará perdido. Depois que eles apareceram, o país ficou mais droga. E vai piorar, se o

⁷⁸ SARACENO, Chiara; NALDINI, Manuela. *Sociologia da Família*. 2. ed. atual. Lisboa: Estampa, 2003. p. 170.

⁷⁹ FANTI, Cristiane Beltran; RISTUM, Marilena. A mediação da Babá na relação com crianças no ambiente doméstico. In: MOREIRA, Lúcia; CARVALHO, Ana M. A. *Família e educação: olhares da psicologia*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 83.

Brasil não vencer o narcotráfico. Estão assassinando o Brasil de amanhã. A arma: Veneno em forma de narcóticos.⁸⁰

O narcotráfico está tão bem estruturado que até parece que as autoridades públicas, a família e demais instituições sociais não têm força para vencê-lo. O lucro vil parece está acima de qualquer valor ou dignidade humana. Mas, o importante é não entregar-se ao desânimo ou dar-se por vencidos. A família e a Igreja têm armas profundamente eficazes, se utilizadas com competência. Contra o veneno das drogas, existe o remédio do amor solícito e do cuidado observador. É necessário que a Família, a Igreja e a Escola se unam no sentido de oferecer informações e diálogo sobre a temática. O importante é que sejam organizadas estratégias preventivas para que as crianças e jovens não caiam nas armadilhas das drogas. E, se infelizmente, alguns se tornarem presas fáceis, sempre haverá o desafio de a família exercer seu amor desmedido na tentativa de recuperar seu filho, uma vez que existem clínicas particulares e privadas que tratam destes casos. Mas, ainda há uma enorme dificuldade e desafio: como convencer os que estão dominados pelo crack, maconha, cocaína e outras drogas a iniciar o tratamento? Realmente não temos respostas prontas. Contudo, somente no amor familiar, a prole encontrará o apoio para a recuperação. As drogas deixam as pessoas no fundo do poço. É uma morte ontológica que se experimenta e aos poucos todos se vão. Permanecerão os familiares como sustentáculo aos feridos e oprimidos pelo desastre que as drogas impõem.

Feitas algumas exposições a respeito dos principais desafios que a cultura pós-moderna oferece à instituição familiar, ainda necessitamos observar algumas recomendações necessárias ao fortalecimento da família e da Pastoral Familiar. Tais argumentos foram desenvolvidos e apresentados por Dom João Carlos Petrini.⁸¹ Dentre eles, desenvolver uma prática de reflexão sobre os bens fundamentais da família, como a vivência do amor, do equilíbrio afetivo; Expandir uma Pastoral Familiar intensa e vigorosa, de modo que em todas as Dioceses e Paróquias possam estar em pleno funcionamento e exercendo as atividades a ela inerentes; Promover uma sociedade amiga da família; a) Política habitacional amiga da família;

⁸⁰ ZEZINHO, Padre. Da família sitiada à família situada: pais e filhos em busca de um conceito. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 188.

⁸¹ Dom João Carlos Petrini é Doutor em Sociologia, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador e atualmente é Bispo de Camaçari.

b) Política de emprego amiga da família; c) Meios de comunicação amigos da família; d) Sistema educacional amigo da família (inclusive livros de texto, programas, etc.); e) Empresas amigas da família⁸². Pela análise do artigo de Dom Petrini, seriam necessárias políticas públicas estatais que valorizassem a família enquanto instituição que garante a estabilidade entre os seus membros e capaz de ser uma fonte de bênção para a própria sociedade. Nesta perspectiva, refletimos a seguinte citação:

Donati observa que, via de regra, os poderes públicos não tomam a família como interlocutora para planejar e implementar políticas públicas adequadas às suas necessidades, por que não reconhecem que se trata de um sujeito social. O sistema político parece incapaz de observar a família na sua realidade e continua a ocupar-se de crianças, idosos e mulheres, como categorias genéricas de indivíduos, sem ver as relações familiares em que eles estão envolvidos.⁸³

Segundo ele, por muito tempo, a sociedade moderna e pós-moderna pensou que virando as costas para Deus iria viver melhor e infelizmente os frutos que esta mesma sociedade colheu não foram dos melhores, citem-se, na esteira desta reflexão:

A violência atingindo nossas cidades, ceifando nossos adolescentes e jovens;

Os meios de comunicação enchem nossas casas de banalidades e de vulgaridades, contribuindo para uma convivência de baixa qualidade;

A corrupção expande-se de modo nunca visto antes em todos os ambientes da vida;

A morte é cultuada como solução preferida diante de diversos problemas, basta recordar o acesso fácil ao aborto e as constantes medidas favoráveis à eutanásia.

Apesar de a estrutura da Pastoral Familiar estar bem organizada em seus princípios, organograma e atividades entendemos que as famílias cristãs, embora bebam da fonte da Sagrada Escritura e dos ensinamentos da Igreja, são pessoas com os pés e o coração fincados na história e na cultura pós-moderna e isso

⁸² PETRINI, Dom João Carlos. *Família e Sociedade*. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br>>. Acesso em: 09 jul. 2011.

⁸³ DONATI, Pierpaolo. *Família no século XXI: abordagem relacional*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 39.

significa que nem sempre estas famílias mesmo engajadas na Igreja, comungam perfeitamente de tudo o que a Igreja prega. As famílias cristãs também traem, são presas fáceis do hedonismo e do consumismo. O tempo se torna pouco para educar as crianças, quando o trabalho rouba o tempo para estar com as pessoas. A despeito de tudo isso, torna-se importante ressaltar que não há receitas, mas coragem para lutar por um mundo melhor.

CONCLUSÃO

A família é um capital humano, um patrimônio para a humanidade, em função de ser a primeira sociedade que conhecemos e por esta razão cria os alicerces para o bem-estar do grupo maior a que chamamos de Sociedade. Em contrapartida, quase sempre, pessoas que tiveram experiências desastrosas no interior da família, tendem a ser anti-sociais, agindo de forma agressiva e pernicioso à sociedade. Entendendo que as pastorais na Igreja têm a missão de organizar a sua ação no mundo a fim de que a caridade de Jesus, Bom Pastor, possa ser exercida entre os povos, voltamo-nos para a problemática inicial desta pesquisa que buscou descobrir as formas como a Pastoral Familiar tem contribuído com a família para enfrentar seus desafios e a educação dos filhos em nossos tempos. Assim, a investigação revelou que Graças ao empenho do Papa João Paulo II a partir da *Familiaris consortio* na década de 80, foi que aqui no Brasil, esta Pastoral passou a estruturar-se. A resposta que a Pastoral Familiar vem dando aos desafios da cultura pós-moderna consiste, sobretudo, na resistência e perseverança em não perder de vista a convicção de que Deus tem um plano para a humanidade que passa pela Família cristã. Família que ama, partilha, adora seu criador e ensina as virtudes necessárias ao bom convívio social aos seus filhos.

Diante dos avanços alcançados pela sociedade pós-moderna, não se podem ignorar as conseqüências alarmantes que se adquirem com tais avanços, onde os desafios impostos pela sociedade são avassaladores no que diz respeito à família. Assim, a família fica fora dos parâmetros estabelecidos pelo sistema. Isto é inquietante para os que tentam ser modelo de uma verdadeira família cristã, repleta de atributos que são alcançáveis a todos os que a priorizam.

A investigação teve como objetivo geral: Apresentar a pastoral familiar como suporte para análise dos desafios da realidade familiar na pós-modernidade tendo em vista suas atividades na educação cristã dos filhos. Pelo percurso investigativo, pudemos perceber que a Pastoral Familiar em sua estrutura e formas de atuação está preparada para enfrentar os desafios e problemáticas de todas as famílias. Isso implica em preparar os noivos para a responsabilidade do matrimônio cristão, acompanhá-los nos caminhos de fidelidade, indissolubilidade e educação dos filhos e, por fim, há no bojo estrutural da Pastoral Familiar, a possibilidade de cuidar com

todo desvelo das situações especiais, casais em fase de separação e também casais em segunda núpcias para que todos os que receberam a graça indelével do Sacramento do Batismo não se sintam excluídos das bênçãos de Deus, no interior da Igreja. Nesta visão, a pretensão desta pesquisa foi sensibilizar a sociedade sobre o valor que a família exerce no mundo para a construção de uma sociedade digna e igualitária, identificando os fatores que dificultam a mesma de assumir seu papel e destacando valores fundamentais necessários para um fortalecimento enquanto instituição familiar, já que é nítido que o sentido familiar vem se perdendo no decorrer dos tempos tendo como conseqüência a desestruturação de valores já petrificados pela tradição.

Muito embora, carreguemos na mente a idéia de que as personagens bíblicas são puras e perfeitas, a pesquisa em seu primeiro capítulo revelou que homens e mulheres de Deus viveram como nós em culturas concretas e também fizeram a experiência do pecado e da graça. Mesmo com preceitos e regras divinas, a natureza humana experimenta a fragilidade e quando discorremos sobre a realidade familiar, não podemos perder de vista a consciência de que somos o corpo de Cristo e a ele necessitamos constantemente unir-nos a fim de que possamos produzir os frutos agradáveis ao Senhor.

Considerando que Igreja e Sociedade andam juntas e que a cultura influencia a religião, foi importante ressaltar as novas formas de convivência presentes na cultura pós-moderna e neoliberal. As reflexões aqui arroladas expressaram, neste ponto específico, que a Igreja, embora não abra mão de suas verdades e convicções, esforça-se em dialogar com os desafios da hodiernidade. Por isso, o segundo capítulo desta pesquisa voltou-se para a análise de questões polêmicas como o divórcio e segunda união, apresentando orientações pastorais para estas situações concretas.

Nos arremates desta pesquisa não podemos esquecer da necessidade de se investir na defesa da Instituição familiar, vez que do contrário, a sociedade fará a experiência amarga de colher frutos negativos, pois se não investirmos na família, de quem será a missão de educar as crianças, os adolescentes e quem haverá de cuidar de nossos idosos ?

Por fim, face à diversidade cultural e religiosa em que nos encontramos propomos que a Pastoral Familiar seja portadora de uma mensagem que priorize o respeito às mais diversas formas: de expressão de gênero, de existência étnico-racial e de prática religiosa, vez que o mundo e a sociedade não pertencem a esta ou àquela denominação religiosa. Assim, mesmo que partilhemos ou não dos mesmos códigos ou crenças, deverá ser tarefa precípua da Pastoral Familiar educar as gerações mais jovens a fim de que o cuidado, o respeito pela pessoa humana em si mesma seja parte integrante e prioritária de sua missão. Isso implica não apenas em retórica, mas sobretudo em atitudes de tolerância e de valorização dos direitos humanos, nas mais variadas circunstâncias em que estas pessoas, vistas como diferentes, se encontrem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Humberto Pereira de. *A família no mundo em transformação*. São Paulo: Paulus, 2010.
- BADINTER, Elisabeth. *Um é o outro: relações entre homens e mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BALAN, Maria Fernandes. *Hora da família: roteiro de reflexão, testemunhas e oração para famílias, grupos e escolas*. 5. ed. Brasília: Setor Família e Vida, 2001.
- BLANK, Christiane E. *Construir o Matrimônio na Pós-modernidade: novas estratégias construtivas e interativas para a convivência matrimonial*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRANDES, Orlando. *Influências tecnológicas sobre a Família*. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br>>. Acesso em: 09 de julho de 2011.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 2.
- COLEÇÃO NOSSO SÉCULO. Volume I. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório da pastoral familiar*. Texto aprovado pela 42ª. Assembléia Geral Itaiaci – Indaiatuba-SP, 21 a 30 e abril de 2004. Brasília: Scala Gráfica e Editora, 2005.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida: texto conclusivo da conferência geral do episcopado latino-americano e do Caribe. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia: história e grandes temas*. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- CUSTEM, Chantal Van. *A família recomposta: entre o desafio e a incerteza*. Instituto Piaget, 2004.
- DELFINO, Cláudio Antônio. *Desafios e perspectivas da Pastoral Familiar na Igreja do Brasil hoje*. Palestra proferida no XI CONGRESSO NACIONAL DA PASTORAL FAMILIAR. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.pastoralfamiliar.com.br>>. Acesso em: 09 jan. 2011.
- DIRETÓRIO DA PASTORAL FAMILIAR. Brasília: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2005.
- DONATI, Pierpaolo. *Família no século XXI: abordagem relacional*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- ENGELS, F. *A Origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FANTI, Cristiane Beltran; RISTUM, Marilena. A mediação da Babá na relação com crianças no ambiente doméstico. In: MOREIRA, Lúcia; CARVALHO, Ana M. A. *Família e educação: olhares da psicologia*. São Paulo: Paulinas, 2008.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 2 tomos. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1969.

GIORDANI, Iginio. *Família, Comunidade de Amor*. São Paulo: Cidade Nova, 1978.

GONÇALVES, Josiane Damasceno. “Não bata, eduque”: considerações sobre a criação Infanto- Juvenil nos lares domésticos na cidade do Rio De Janeiro. Monografia (Bacharelado em Direito) – Instituto Metodista do Rio de Janeiro, 2008.

GONÇALVES, Júlia Eugênia. A pós-modernidade e os desafios da educação na atualidade. *Revista científica Aprender*, 2. ed., 2008. Disponível em: <<http://revista.fundacaoaprender.org.br/index.php?id=116>> Acesso em: 17/06/2011.

GRUM, Anselm. *O que devo fazer: respostas a questões que a vida coloca*. Petrópolis: Vozes, 2009.

INSTITUTO NACIONAL DA FAMÍLIA E DA PASTORAL FAMILIAR. *Hora da Família: família, pessoa e sociedade*. Brasília: CNBB, 2011.

JOÃO PAULO II. *Carta às famílias*. São Paulo: Paulinas, 1994.

JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*. 16. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

LOWIE, R. *Traité de sociologie primitive*. Paris: Payot, 1969.

MALDONADO, Jorge. *Até nas melhores famílias: a família de Jesus e outras famílias da Bíblia parecidas com as nossas*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MALDONADO, Maria Tereza. *Comunicações entre pais e filhos: a linguagem do sentir*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MARULANDA, Ângela. O desafio de Crescer com os filhos: valores e atitudes que ajudam na formação das novas gerações. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 155.

PASTORAL FAMILIAR. Disponível em: <<http://www.paroquiasantaritadecassia.org/index.php/forcas-vivas>>. Acesso em: 07 jul. 2011.

PEDRO; Glorinha. *A Eucaristia e a Espiritualidade conjugal*. Palestra proferida na XI Encontro Regional de diáconos e esposas do Leste II, 2005. Disponível em: <<http://paroquiasantaritax.com.br/capa/a-eucaristia-e-a-espiritualidade-conjugal>>. Acesso em: 17 jun. 2011.

PETRINI, Dom João Carlos. *Família e Sociedade*. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br>>. Acesso em: 09 jul. 2011.

PORRECA, Wladimir. *Famílias em segunda união: questões pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2010.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio. Mem. Martins: Europa-América, 1990. 2 vls.

SARACENO, Chiara; NALDINI, Manuela. *Sociologia da Família*. 2. ed. atual. Lisboa: Estampa, 2003.

SCHMIEDT-STRECK, Valburga; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Imagens da família*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

SEREJO, Lourival. *A filiação do afeto: padrasto, madrasta e enteado*. Disponível em:

<http://www.lourivalserejo.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=22:a-filiacao-do-afeto-padrasto-madrasta-e-enteado&catid=14>. Acesso em: 14 jun. 2011.

SOARES, Josué Ebenézer de Sousa. *Conceito de Família no Antigo Testamento*. Disponível em:

<http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_2218/artigo_sobre_familia_15_conceito_de_familia_no_antigo_testamento>. Acesso em: 16 jun. 2011.

SOUSA FILHO, Vicente Gregório de. Estudos de gênero: elucidações conceitual e histórica para construção do seu significado. *Revista Multidisciplinar*, Parnaíba, v. 1, n. 1, p.110-108, 2009.

STRECK, Valburga Schmiedt. *Famílias em transição: desafios para a sociedade e a Igreja*. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 47, n. 1, 2007.

VIEIRA, Humberto L. *A família cristã no mundo de hoje*. São Paulo:Paulinas, 1998.

ZEZINHO, Padre. *Da família sitiada à família situada: pais e filhos em busca de um conceito*. São Paulo: Paulinas, 2007.